

*Passarinho Passará*

*~ Zé da Manga ~*

*Passarinho Passará*

**FIM**

*Passarinho Passará*

Décio Machado

O triste dia do dia  
Que pretendo um dia apagar

O dia que lembra o dia  
Foi um dia onde nós dois  
Brigamos em pleno dia  
E você me abandonaria  
Um dia depois

# *Passarinho Passará*

*~ Zé da Manga ~*

Copyright © 2014. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônica, de fotografia, gravação etc., sem a permissão do detentor. (Lei n°. 9.610, de 10/02/1998).

**Revisão**

Osman Pedrosa Ribeiro  
Kátia Vilela

**Capa / Ilustração**

Alexandre Valentim

**Fotografia**

Márcio Oliveira

**Digitação / Diagramação**

Giovanni Evangelista

MACHADO, DÉCIO

Passarinho Passará, São Gonçalo (RJ).

Editora: Décio Machado.

124 páginas: 14x21 cm.

ISBN: 978-85-907599-1-1

1. Literatura brasileira.

2. Comédia romântica.

Edição do autor.

*Passarinho Passará*

## Um Dia Depois

Hoje

É véspera de um novo dia

Amanhã

Que dia será?

Será um dia depois desse dia?

Ou o dia se repetirá?

Queria ver se algum dia

Pudesse um dia apagar

Para ver no dia-a-dia

Esse dia não mais voltar

Oh! Deus, mas que dia

Busco um dia deletar

Será que consigo um dia

Ver esse dia chegar?

Luto até que um dia

Consiga um dia mudar

2ª Edição

2014

## Autorretrato

Sou bom? Sou mau?

Não sei quem sou, neste planeta que um dia me adotou

Sou pedra ou sou flor? Sou jardineiro ou sou lenhador?

Mas ainda não sei o que bem sou e o que vim fazer aqui, se estou para plantar e colher, ou apenas destruir

Contudo, olho-me no espelho, tentando decifrar, se vou crescer tomando banho de lua, beber da fonte mais pura, ou poluir o mar

Mas que loucura esse autorretrato, falar de mim e não definir o conflitante sentimento e vagar nesse tormento

Que pena ser assim, viver nessa eterna indecisão, e assistir a minha própria destruição

## Sumário

Capítulo 1 - Dona Carlota .....	9
Capítulo 2 - O diretor Mangabeira .....	15
Capítulo 3 - O amor é lindo .....	25
Capítulo 4 - A queda .....	33
Capítulo 5 - O sabiazinho .....	43
Capítulo 6 - A notícia .....	53
Capítulo 7 - A carta .....	61
Capítulo 8 - Dr. Palmer .....	67
Capítulo 9 - A revelação .....	73
Capítulo 10 - Passarinho passará .....	93
Capítulo 11 - O presente .....	99
Capítulo 12 - O casamento .....	107
Reconhecimento.....	111
Poemas:	
Marcas nas Calçadas.....	112
Lembranças.....	114
Quero Colo.....	116
Crepúsculo.....	118
Autorretrato.....	120
Um Dia Depois.....	121

*Passarinho Passará*

Não entendo  
O que está acontecendo  
Porque a lua sumiu  
E ninguém mais a viu



## **Crepúsculo**

Está escuro  
As nuvens tamparam a lua  
O crepúsculo invadiu a rua

Está preto  
As janelas se apagaram  
Os portões se fecharam  
E o vento dominou

Olho atento  
Se existe alguém ao meu lado  
Mas só o frio atravessa o meu corpo  
Com flocos de desgosto  
Com rajadas de agosto

Olho ao chão  
E não vejo a terra  
Sinto a falta da coberta  
E a luva sobre a mão

## ***Prefácio***

Décio Machado poderia dispensar apresentações, não fora a necessidade de salientar alguns aspectos marcantes de suas obras, nesta também presente, o que, entre outras coisas, revela coerência e fidelidade a sua vocação literária.

Aqui, igualmente, se observa a extrema preocupação em exaltar a beleza dos relacionamentos e dos afetos mais profundos.

Mesmo quando a narrativa ameaça tornar-se algo simplista, o autor libera a sua visão poética das coisas, a poesia transbordando das ações do cotidiano, emergindo das páginas, mesmo literalmente falando, pois dentro dessa prosa sadia estão inseridos poemas encantadores.

“Passarinho Passará” não é, como pode parecer, leitura para o público infanto-juvenil, mas para todos os leitores, de qualquer faixa etária, que preservem a candura da infância ou busquem ansiosamente recuperá-la, uma vez que somente pelo resgate da criança engaiolada pela materialidade do mundo pode o homem abrir asas para os altos voos do espírito.

“Passarinho Passará” pode nos ajudar a fugir da gaiola aprisionante, mas mesmo alçando voo na liberdade, ele próprio não passará, mas permanecerá para sempre na memória do leitor, cantando os eternos trinados da exaltação à inocência e à beleza.

**Osman Pedrosa Ribeiro**  
Niterói, 9 de junho de 2009

*Passarinho Passará*

Porque sei que sei  
Sonhar com esse dueto  
Cantar em sol maior  
Em teclas de soneto



## Quero Colo

Hoje são penumbras  
Passos na escuridão  
Hoje me sinto miúdo  
E caminho sem direção

Agora quero colo  
Um aconchego para dormir  
Nos teus braços me consolo  
Com os meus sonhos a partir

Os meus trinta já são dez  
Os meus dez viraram um  
Sinto um vácuo nos meus pés  
Alado, eu quero um

Pois será estrela  
O brilho da fina nota  
O lume do ferro quente  
Sinfonia na ribalta

# 1

## Dona Carlota

Dona Carlota vive em São Gonçalo com os filhos Zé e Carlotinha. Senhora de meia-idade, baixa, cabelos crespos, sorriso suave e cativante. O seu olhar é amoroso, mas não fala de amor porque esconde um segredo que guarda a sete chaves em seu coração. Ela vive de uma boa poupança e do aluguel de alguns imóveis que o seu companheiro deixou no município de Niterói. Sua casa é decorada com móveis e peças antigas, relíquias de um passado recente, e coleciona recortes de revistas e jornais que guarda como se fossem um tesouro.

Dona Carlota dirige-se à cozinha para preparar o café. Enquanto aguarda a água ferver, pega a vassoura e começa a varrer o extenso quintal da casa, onde as folhas das mangueiras se fazem presentes sobre o chão de terra batida. O vento torna-se mais forte e agita os arvoredos. De repente, uma enorme manga atinge a

cabeça de Dona Carlota. Desnorteada, ela tropeça em algumas raízes das árvores que estão estendidas entre as folhas secas e o solo. Perdendo o equilíbrio, bate com o peito no tronco de uma volumosa árvore e cai estatelada em cima de um formigueiro, que fica ao lado de um poço. Perplexa, levanta-se rapidamente, bate no vestido, retira as saúvas de seu corpo e olha para cima, deparando-se com um menino em um dos galhos, com duas mangas nas mãos e uma na boca. Dona Carlota grita apreensiva:

— Zé, pelo amor de Deus, desce daí! Você pode cair e se machucar.

— Mãe, não se preocupe, já estou acostumado. A senhora sabe que não consigo ficar sem chupar mangas. E esta aqui está deliciosa. A senhora quer uma?

— Zé, saia dessa mangueira, esses galhos não são de confiança. Eles podem quebrar e provocar um acidente. Desça e venha tomar café.

— Mãe, como é que eu vou tomar café se estou com a barriga cheia?

— Deixe de conversa, Zé. Desça imediatamente dessa mangueira porque está quase na hora da escola.

Pois na hora do café  
Com o cheiro tão perfumado  
Paizinho me beije  
Com os lábios gelados

## Lembranças

Agora são saudades  
Tempos já vividos  
De seres descartáveis  
Com sonhos tão coloridos

Agora só lembrança  
De momentos que se foram  
Dias comoventes  
Horas de namoro

No quintal  
Olhando para a lua  
Ouço passos frequentes  
E você não vem da rua

Mas continuarei  
Ainda sonhando  
Com as histórias de reis  
Que você viveu contando

A sua irmã está no banho, se preparando para a aula.

Dona Carlota matriculou os filhos no Instituto de Educação Tiradentes. Teve referências de que é uma boa escola. No momento da matrícula, só conheceu a diretora adjunta, Maria Ester, pois o diretor Mangabeira fora participar de um seminário sobre Educação em Brasília.

Carlotinha e o irmão adoraram o instituto e se adaptaram aos alunos e professores. Antes de irem para a escola, Zé propõe à mãe:

— A senhora vai me deixar levar cinco mangas para comer na merenda, não vai?

— Pode levar as suas mangas, que não vou brigar.

— A senhora é a melhor mãe do mundo e tão bonita quanto as mangas que levo comigo.

Dona Carlota sorri com o elogio e observa Zé da Manga deslizar pelo tronco da bela árvore. Depois, entra em casa, prepara o café e põe o bule sobre a mesa com algumas fatias de pão e um pedacinho de queijo. A filha, que já se encontrava na cozinha, esbarra na xícara de vidro que se parte em mil pedaços. Dona Carlota olha para a garota com ar de reprovação, pega a pazinha

de lixo e limpa todo o local. Depois, fala para a menina:

— Carlotinha, você não tem mesmo atenção. Derrubou a xícara que se espatifou no chão. Agora, vá ao quarto e troque essa blusa que está suja.

— Tudo bem, mãe! Mas, não tive culpa, foi um acidente.

— Eu sei, filha. Não se preocupe, isso acontece com qualquer um.

Depois do café, Zé entra na cozinha, levando em uma das mãos uma pasta com cadernos e livros escolares e, na outra, uma sacola com quatro mangas. Dona Carlota olha para o garoto e nota algo em seu rosto. Então, lhe faz uma observação:

— Zé, você está com a cara toda amarela. O que aconteceu, menino?

— Mãe, depois do banho, coloquei o uniforme da escola e separei as mangas da merenda, mas uma delas estava tão madura que resolvi chupar antes que se estragasse.

— Você sempre cria um motivo para chupar as mangas. Já te conheço desde o dia que nasceu.

— A culpa é da senhora, mãe. Quem mandou ter

PAI

Por favor não vá embora

Não me deixe sozinho

Preciso de você

Para iluminar o meu caminho

Na verdade, não era para ser assim

Deveria sentir alegria

Cantar todos os dias

Por um dia você existir

E ter compartilhado

Sua presença ao meu lado

Para um dia entender

Que a rua em que você passava

São marcas nas calçadas

Que não vão envelhecer

## **Marcas nas Calçadas**

PAI

Você é responsável  
Por eu chorar assim  
Pois implantou o amor em mim

Choro de novo  
Outra vez, novamente,  
Em uma profunda comoção  
Porque a saudade invade o meu coração

Sinto-me triste  
Por não estar aqui  
Mas os meus instintos  
Persistem a o seguir

Lembro-me das piadinhas  
Dos seus carinhos todos os dias  
E da sua lição  
Do pombo que criava no telhado  
Da cachorra que caminhava ao seu lado  
E a alegria de comer com a mão

desejo de saborear mangas durante a sua gravidez?  
Agora, não consigo viver sem elas.

— Zé, já escutei as suas indagações. Vá lavar esse rosto e escove esses dentes que têm alguns fiapos de manga presos em sua boca.

## Reconhecimento

**Adeus, pai! Adeus!**

Leitores, perdoem-me por chorar no final deste livro, pois o escrevi em homenagem ao meu querido pai, Dylse Dutra Machado, que perdi recentemente, mas deixou como legado a inspiração para esta obra. Ele esboçou esta história no leito, trinta dias antes de sua morte, e lhe prometi que escreveria este romance. Vocês não sabem como dói e foi doída a construção deste enredo.

Todas as glórias vão para o meu querido pai. Mas quero que saibam, que ele continua vivo no meu coração. Adeus, pai! Adeus!



## O diretor Mangabeira



Zé, menino moreno, treze anos, peralta, inteligente e de grande índole moral, obedece à mãe, lava o rosto e segue para o Instituto de Educação Tiradentes com sua irmãzinha Carlotinha, menina morena, onze anos, cabelos longos, gentil e graciosa.

Ao chegar ao pátio da escola, Carlotinha encontra Rosa, sua colega de turma, elas se abraçam e cochicham ao pé do ouvido. Zé observa as duas na maior alegria, mas não entende o conteúdo da conversa. Carlotinha dá um sorriso sapeca e fala ao irmão:

— Zé, Rosa tem algo a lhe dizer.

Zé da Manga olha para a menina com uma grande curiosidade e responde na maior sinceridade:

— Então, fala! Quero saber o que vocês tanto escondem.

Rosa, antes de responder, fica vermelha como um

camarão, sua voz engasga, sua garganta resseca, seu corpo treme e fica muda. Zé não entende a reação da menina e torna a perguntar:

— O que tem pra me falar, Rosa?

A menina engole seco, passa a mão nos cabelos ondulados e responde ao seu lado:

— Depois eu falo, Zé, pois o que tenho a lhe dizer tem que ser somente entre mim e você.

Zé da Manga fica sem entender e espera o recreio para Rosa esclarecer:

— Tudo bem, Rosa Regina! Espero você na cantina quando o sinal bater, e você vai explicar o que tem a me contar.

Rosa, menina linda, graciosa, elegante e cheirosa, dá um belo sorriso, ajeita os cabelos dourados e caminha até a sala de aula com Carlotinha, a sua confidente amiguinha. Zé observa o afastamento das meninas que conversam alegremente, e fica de pé próximo de uma grande estátua de Tiradentes que enfeita a área de recreação daquela conceituada instituição.

De repente, um grupo de alunos corre no pátio, brincando de bola. Naquele instante, Cabeção pisa no

Eu a amo! Seu eterno, Jorge”.

Dona Carlota fecha os olhos e beija os botões. Depois, abre o segundo cartão:

“Amor da minha vida, bom dia! Quero que saiba que você é tudo para mim. E só recuperei a memória depois que a vi. Agora, sei que temos dois filhos para criar e quero voltar para o nosso lar. Amo você, como nunca amei ninguém! Seu eterno, Mangabeira”.

No terceiro dia, Dona Carlota deixa o hospital e se casa em uma data especial.

E você, leitor, sabe com quem Dona Carlota se casou, pois conhece o seu coração que, embora dividido, tomou a acertada decisão.



para socorrê-la e pega-a em seus braços. Quando olha para a sua face, ele fica mumificado com a lembrança do passado.

Dona Carlota é levada numa ambulância e se interna no hospital. Ali, o delírio se faz presente, assustando toda gente, num berreiro total, e ela dizia naquela agonia:

— É ele. Ele voltou. Fique comigo até o infinito... não me deixe sozinha... não, não, nãoooooo...

Ninguém entendia o que Dona Carlota dizia, e ela se debatia na maior histeria. Dr. Palmer dá-lhe alguns comprimidos rotineiros, e Dona Carlota dorme como um carneiro. Depois, o médico reúne toda a família e declara com energia:

— Pelo diagnóstico, Dona Carlota precisa de um bom descanso, pois está com um profundo estresse emocional. Só lhe darei alta, quando voltar ao normal.

Pela manhã, ela acorda e não toma o café, quando um mensageiro traz dois ramalhetes de rosa com cartões separados. Dona Carlota cheira as flores e depois abre o primeiro cartão:

“Amor, espero que se recupere o mais breve possível, pois a sua presença é indispensável para a minha vida.

cadarço do tênis e cai no chão, gerando uma confusão. Mauro, que vinha estabonado, salta por cima do amigo e bate com toda força na parede da secretaria que fica próxima de uma grande pia. Zé observa que um deles derruba a estátua do mártir brasileiro que morreu enforcado por causa de uma suposta traição.

Mauro, para se livrar da acusação de ter quebrado o braço de Tiradentes, delata Zé como autor do incidente. O inspetor Sandoval, com uma cara de mau, pega Zé pelo braço e o leva até o diretor, com o propósito de receber do professor Mangabeira uma promoção de primeira. Zé, sentindo-se injustiçado, reclama por ser acusado:

— Seu Sadam, eu não tive culpa de nada. Acabei de chegar na escola e não estava brincando de bola.

— Zé, você sabe que o meu nome é Sandoval e não gosto que me chamem pelo apelido. Mais um motivo para levá-lo à direção, seu encenqueiro e bagunceiro.

— Mas, seu Sandoval! Não fui eu que quebrei a estátua de Tiradentes. O senhor pode ver, ainda estou com a pasta e o saquinho de mangas nas mãos.

— Não quero saber, menino. Agora, é com o diretor.

Chegando à sala da direção, Sandoval, com um sorriso aterrorizado, aperta Zé da Manga pelo braço e fala ao superior sem nenhum pudor:

— Professor Mangabeira, este menino quebrou o braço da estátua de Tiradentes e merece ser expulso da escola urgentemente.

O diretor, presenciando a violência do subordinado com o estudante, repreende Sandoval pela atitude de conduzir um aluno com tamanha violência e resolve expulsá-lo por postura não compatível com uma instituição escolar:

— Sandoval, você precisa saber que não admito que trate um aluno dessa maneira. O carinho e o diálogo também fazem parte da boa educação. Retire-se e nunca mais pise nessa instituição.

Sandoval solta o braço de Zé, abaixa a cabeça e sai arrependido pelo ato deplorável que acabara de cometer. O diretor Mangabeira pede que o menino conte a sua versão:

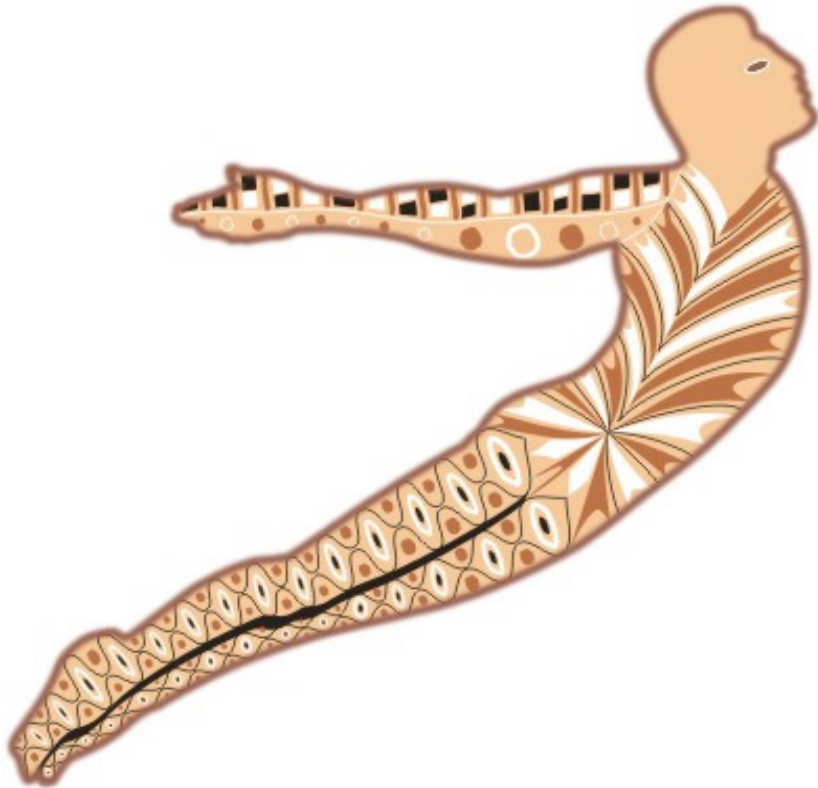
— Seu diretor, eu tinha acabado de chegar no pátio da escola e encontrei alguns meninos brincando de bola. Por descuido, um deles derrubou a estátua de Tiradentes

# 12

## O casamento

Dias se passam, o casamento se aproxima, Dona Carlota faz a lista dos seus convidados, e Jorge também. Zé convida Cabeção, Sandoval, Tommy, Sebastião, Dr. Palmer e o professor Mangabeira. Carlotinha chama Rosa e algumas amiguinhas.

Na hora do matrimônio, Rosa fica ao lado do Zé e não sai do seu pé. Mauro entra estabonado na igreja, tropeça no tapete vermelho, cai no chão, machucando o joelho e a mão. Sabiazinho fica no altar para gorjear uma linda canção na hora da comunhão. Dona Carlota entra na igreja, prateada como a lua, brilhante como o sol, olha para todos os convidados, como um apaixonado rouxinol. De repente, no meio de tanta gente, Dona Carlota observa na ponta do banco um homem de branco que chama a sua atenção. Naquele instante, seu corpo gela, sua cabeça gira e desmaia. Mangabeira corre



que estava próxima da gente. Eu não tive culpa e nem os meus colegas, pois a estátua estava em uma posição que a qualquer momento sofreria um esbarrão. Acho que o real infrator foi o senhor, ao deixar uma obra tão bonita em lugar tão inseguro, o senhor não acha?

O diretor Mangabeira fica boquiaberto com a resposta do aluno e faz uma rápida reflexão sobre aquela indagação:

— Meu querido estudante, você tem razão. Foi uma imprudência deixar uma obra de arte tão vulnerável no pátio da escola. Tomarei providências para evitar outros acidentes. Foi muito útil a sua observação, a escola agradece sua sugestão.

Depois de resolvido o mal-entendido, o diretor Mangabeira retira do armário uma medalha de honra ao mérito e proclama ao menino:

— José, que a sua atitude sirva de exemplo a todos os funcionários e alunos. Juntos, arregaçaremos as mangas para a melhoria de nossa educação. Obrigado, José! Obrigado de coração!

Zé da Manga, um tanto comovido com o reconhecimento do diretor Mangabeira, fica em posição

de sentido, como um soldado que venceu a guerra, e faz um pedido:

— Professor Mangabeira, já que o senhor me premiou, posso lhe pedir um favor?

— Claro, meu filho! Peça, que lhe atenderei.

— Professor Mangabeira, gostaria que não mandasse o Sandoval embora. Ele é muito bruto, mas o senhor mesmo disse que o diálogo faz parte da boa educação. Converse com ele e, se por acaso, repetir o mesmo erro, aí sim, mande-o embora.

O diretor parou e refletiu sobre aquilo que ouviu:

— José, mais uma vez tenho que admitir que você tem razão. Irei capacitar Sadam para se tornar um gentil Sandoval. Agora, diga-me o que traz para a escola nessa sacola?

— São mangas que trago como merenda.

— Meu querido aluno, já descobri porque gostei tanto de você.

O diretor Mangabeira retira do bolso uma enorme chave que abre a gaveta da escrivaninha e pega uma sacola com oito mangas-rosa que foram trazidas do seu sítio, por um funcionário, naquela mesma manhã.

cesta de pão, e depois se suicidou no meio da multidão. Procurei a minha filha e não a encontrei. Mudei até de profissão para não viajar ao sertão e ficar por aqui, para um dia a descobrir.

Agora, conheci um novo amor que, por coincidência, tem uma filha que adotou. Não sei explicar, quanto mais entender. Eu só sei que quero ficar com ela e você.

— Jorge, você acha que Carlotinha é a sua verdadeira filha?

— Carlota, já não preciso procurar, pois já encontrei o que tanto procurava e o que mais amava.

Dona Carlota, chorando, abraça Carlotinha e Zé, e beija Jorge com toda fé.

O motivo de não querer menina foi por causa de um trauma de infância que ela nunca revelou, mas imagino a sua dor.

Mauro nasceu muito bem, mas eu estava em Belém e o conheci vinte dias depois do seu nascimento. Foi uma alegria aquele acontecimento. Depois de um ano, Lana engravidou novamente e o sonho de ter os meninos a fez contente. Ela comprou roupinhas azuis e enfeitou a parede do quarto com vários super-heróis. Quando a criança nasceu, Lana estremeceu ao ver uma menina. Ela teve uma grande depressão pós-parto. Eu consultei um médico que a examinou no quarto. Nesse mesmo dia, comprei uma grande cesta de pão, que era feita à mão por um amigo da Bahia, e que eu fazia de berço para Maria.

Logo após o nascimento, contratei uma babá, porque tinha que viajar para o Ceará naquela mesma semana. Antes de pegar o caminhão, fiz questão de dar um banho em Maria e constatei a mesma pinta que eu carregava nos pés. Quinze dias depois que estava em Fortaleza, me veio uma surpresa quando o telefone tocou, avisando-me que a minha esposa tinha dado Maria, junto com a

Depois, vai ao armário da estante, separa uma enorme vasilha, põe as frutas em seu interior e convida o menino para saboreá-las. Zé da Manga, ao ver o saboroso fruto, arregala o par de olhos, passa a língua nos lábios e se lambuzava com tamanha fartura.

O diretor, ao observar o menino com tamanho apetite, retira o paletó e coloca-o em um cabide, dobra a camisa de manga comprida e compartilha com o seu novo amigo a saborosa fruta. A seguir, confessa com um enorme sorriso:

— José, quando você entrou no meu gabinete, senti o aroma das mangas em sua sacola. Não falei nada porque também queria prová-las.

Zé, com uma alegria imensa, passa a mão na boca e começa a dialogar:

— Professor Mangabeira, o senhor sempre gostou de mangas?

— Meu filho, quando a minha mãe estava grávida, ela teve desejo de chupar mangas. É por isso que adoro o aroma e o sabor da fruta.

Naquele instante, Zé arregala o par de olhos e lembra-se que Dona Carlota teve o mesmo desejo na gravidez.

Então, sorri e descobre que o diretor Mangabeira e ele tinham algo em comum que os unia. De repente, um barulho se faz presente no corredor que dá para a sala do diretor. Zé da Manga e o professor Mangabeira escutam, no gabinete, os alunos cochicharem:

— Zé se ferrou! Ele quebrou a estátua do patrono da escola e vai ser expulso agora.

Carlötinha e Rosa vão em defesa do Zé:

— Ele não fez nada! Vocês que o acusaram de quebrar o braço de Tiradentes. Sejam homens, assumam a responsabilidade dos seus atos, não deixem Zé pagar por algo que não cometeu.

Mauro começa a vermelhar, e uma lágrima de arrependimento toma conta do seu olhar. Mas não tem coragem de bater à porta do diretor e dizer ser ele o verdadeiro culpado. De repente, a maçaneta do gabinete começa a se abrir, os alunos calam e se colocam em frente à porta do diretor. Zé e o professor Mangabeira aparecem com a cara toda amarela de tanto chupar mangas. Os alunos ficam assustados com a inusitada visão e, depois, sorriem pela situação. O diretor ao olhar para a concentração de alunos na porta, passa a mão na

a semelhança com a marca da filha, ficando perplexa ao descobrir quem era o pai biológico da menina. Carlötinha, intrigada, pergunta apavorada:

— Mãe, o que está acontecendo? Eu não estou entendendo!

Dona Carlota percebe a preocupação da filha e a melhora de Jorge. Então, senta-se no sofá e conta para os filhos que Carlötinha não era sua filha biológica e como ela apareceu em seu portão dentro de uma cesta de pão. A menina não diz nada e por um instante fica em silêncio. Depois, fala para Dona Carlota:

— Mãe, nem ligo para o que a senhora me contou. O importante é que tenho o seu amor.

Dona Carlota abraça a menina e a aperta em seu peito. Depois, pede a Jorge para também revelar o que tem a contar. Ele, extremamente emocionado, beija Carlötinha com uma grande ternura, como se o sol encontrasse a lua, e diz com voz rouca:

— Carlota, antes de ser enfermeiro, eu era caminhoneiro e viajava por todo o país. Minha esposa se chamava Lana e a conheci em Copacabana, trabalhando em um bar. Ela tinha loucura por ser mãe e ter meninos.

Pena que não conhecemos o nosso pai.

Naquele momento, Dona Carlota e Jorge se olham constrangidos, levantam-se do felpudo tapete, ajeitam os cabelos e a roupa. Jorge vira-se para Carlotinha e mostra-lhe a caixinha.

— Carlotinha, este é o meu presente para a minha bela garotinha.

A menina pula no pescoço de Jorge e lhe dá um longo abraço. Depois, pega o presente e abre, encontrando a sandália. Ela fica feliz da vida e fala comovida:

— Jorge, gostaria que colocasse em meu pé para dar sorte.

Jorge, emocionado com o pedido da menininha, pega o pezinho de Carlotinha e observa os dedos alongados e delicados. Quando olha no peito do pé, fica paralisado, como se estivesse anestesiado. Dona Carlota tenta acordá-lo, e ele não reage. Carlotinha retira os sapatos de Jorge e as suas meias para deitá-lo no sofá, quando ela se surpreende e fala entre os dentes:

— Mãe, olhe aqui! O Jorge tem a mesma mancha que eu.

Dona Carlota olha no pé de Jorge e se assusta ante

boca e retira alguns fiapos da manga que estão entre os dentes e faz um pequeno discurso:

— Queridos alunos! Sei que não foi o Zé que quebrou a estátua de Tiradentes e nem quero saber quem foi, porque Zé me mostrou que vocês não tiveram culpa do incidente. Brinquem à vontade! A infância e a adolescência são dádivas de Deus!

Os alunos se olham, não acreditando no que ouviram do diretor. Levantam Zé como se fosse um herói e gritam animadamente. Carlotinha e Rosa se abraçam de alegria, os seus olhos brilham de tanta admiração e, novamente, cochicham, olhando para Zé. O menino as observa num profundo diálogo e fica de longe em silêncio.





a segunda caixa. Assim, foi abrindo até encontrar na última caixinha um anel com uma pedrinha. Ela fica deslumbrada com a beleza do presente e fala contente:

— Jorge, adorei a surpresa!

— Carlota, esse anel é para o nosso noivado. Quero me casar com a mulher que está ao meu lado. Você aceita?

Dona Carlota arregala o par de olhos, sorri e diz alegremente:

— Claro que aceito, Jorge. Vamos marcar a data?

— Por mim, será daqui a trinta dias. Está bom?

— Está ótimo! Pena que um mês demore tanto.

Os dois sorriem, se beijam na maior paixão e se abraçam, caindo no chão. De repente, Carlotinha e Zé entram na sala, encontrando o casal deitado sobre o tapete. Eles perguntam:

— Mãe! O que está acontecendo? Assim vão se sujar de tanto se rolar.

— Meus filhos, hoje é um grande momento. Estamos marcando o nosso casamento para daqui a trinta dias. O que vocês acham?

— Achamos maravilhoso a senhora se casar de novo.



— Jorge, você está muito misterioso. Daqui a pouco, nós vamos conversar e esclarecer essa confusão. Por favor, chegue cedo!

Dona Carlota desliga o telefone, mas fica curiosa com as palavras do amado. O que haveria em seu passado de tão importante? Depois, toma um banho, vai ao quarto, coloca um lindo vestido amarelo, sandália preta, brincos e pulseiras. De repente, chega Jorge na sala com os presentes nas mãos e chama por sua paixão:

— Carlota! Carlota! Cadê você?

Ao ouvir a voz do Jorge, ela aproxima-se, dá-lhe um beijo e comenta:

— Jorge, por que dois presentes?

— A caixa maior é sua, e a outra é da aniversariante.

Dona Carlota fica contente e o abraça como uma adolescente.

— Jorge, essa caixa é muito grande. O que tem dentro de tão interessante?

— Abra e mate a sua curiosidade.

Ela retira o laço que envolve o presente, rasga o papel, abre a tampa e encontra uma segunda caixa colorida. Dona Carlota sorri para Jorge, depois abre delicadamente

## 3

### O amor é lindo

Depois da comemoração, todos se dirigem à sala de aula, quando, no horário marcado, o sinal toca. Nesse instante, Carlotinha e Rosa esperam por Zé próximas da cantina. As duas conversam ansiosas:

— Cadê Zé? Ele está demorando. Será que não vem para o recreio? Preciso falar com ele.

— Calma, Rosa! Zé vai aparecer logo, logo.

Alguns minutos passam, Rosa pede licença a Carlotinha para ir até a sala do nosso herói e descobre o motivo da demora. Naquele mesmo instante, Zé encontra-se sentado, conversando com um amigo que lhe faz uma pergunta:

— Zé, se você gosta mesmo de mangas, então diga qual é a mais doce? Qual é a mais bela?

Repentinamente, Rosa chega diante da porta da sala, olha pelo buraco da fechadura, aguça os ouvidos e

escuta Zé da Manga responder ao amigo:

— Cabeção, com certeza é a rosa. Ela é a mais linda de todas que conheço. Ela é doce e cheirosa como a primavera, não consigo viver sem a sua presença. Rosa! Rosa! Rosa! Como te gosto, Rosa.

A menina, ao ouvir a declaração de amor do Zé pela manga, pensa que é para ela. Dá um belo sorriso e corre eufórica até a amiga, relatando o acontecido:

— Carlotinha! O Zé me ama!

— Como você sabe, Rosa?

— Acabei de escutar. Zé disse a Cabeção que sou linda e doce como a primavera e que não consegue viver sem mim.

— Você tem certeza disso, Rosa?

— Claro, que sim. Eu estava atrás da porta e ouvi perfeitamente. Hoje é o dia mais feliz da minha vida.

— Se é assim, Rosa, falarei a ele que você também o ama.

— Carlotinha, pelo amor de Deus, não faça isso. Zé pode ficar zangado ao descobrir que fiquei atrás da porta ouvindo a sua confissão. Deixe que eu mesma declare a minha paixão.

# 11

## O presente

Dias se passam, e Carlotinha escolhe um vestido para a festa do seu aniversário. A mãe, envolvida com os preparativos, recebe um telefonema:

— Alô, quem fala?

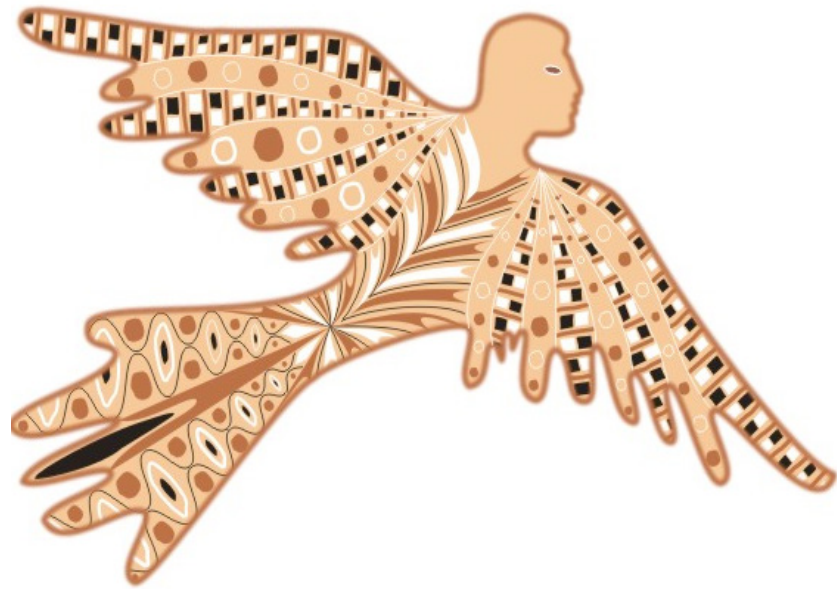
— Carlota, aqui é Jorge. Estou ligando para saber o número da sandália da Carlotinha. Vai ser o meu presente para a sua filhinha.

— Carlotinha vai adorar, Jorge! Ela calça trinta e dois. Procure trazer algo que combine com o rosa do vestido.

— Pode deixar, Carlota, porque é um sonho que vou realizar depois de muitos anos.

— Do que está falando, Jorge? Pode ser mais objetivo nos seus planos?

— Não se preocupe, porque um dia eu lhe contarei todos os segredos que ocultei.



— Se é assim, Rosa, vou fingir que não sei de nada.  
— Obrigada, amiga! Ele é seu irmão, mas é a minha vida.

A atração por Zé aumenta. Ela respira fundo, levanta o nariz arrebitado, ajeita os cabelos dourados e dirige-se ao seu amor. Chegando à sala de aula, aproxima-se de Zé que estava em pé. Olha profundamente em seus olhos e fica rosada, suas mãos tremem e o seu coração acelera. Zé, um tanto surpreso com a transformação de Rosa, pergunta para a menina charmosa:

— Rosa, o que está acontecendo? Você está trêmula como um bambu e vermelha como um caju. Posso ajudá-la?

A menina, encantada pelo amor, não consegue transmitir o seu calor e fica muda. A sua boca não consegue expressar, pois um nó atrapalha o seu falar. Constrangida, ela foge deprimida e vai para casa um tanto sofrida.

Zé da Manga, sem entender o que Rosa queria lhe dizer, fica vendo a menina correr. Depois, arruma a pasta e vai para o portão aguardar a irmã Carlotinha que estava sozinha. Naquele instante, aparece Sandoval

que lhe dirige a palavra como se fosse um ponto final:

— Zé, gostaria de pedir desculpas pelo meu ato de violência, fui inconveniente em segurar você pelo braço, sem nenhuma complacência, e também lhe agradecer por solicitar ao diretor que não me mandasse embora da escola. Obrigado. Prometo que nunca mais serei violento com alguém, pode acreditar nisso também.

— Sandoval, fico contente por suas palavras e também prometo que nunca mais chamarei você de Sadam, ok?

Os dois sorriem e dão as mãos como se fossem irmãos.

Zé da Manga despede-se do inspetor de alunos, pega a irmã Carlotinha e vai para casa na maior alegria. No meio do caminho, encontra Mauro sentado na calçada com a pastinha no chão. Carlotinha se aproxima e observa Mauro chorando em uma profunda tristeza. A menina, ao vê-lo com aquela angústia no peito, passa a mão sobre a sua cabeça e lhe pergunta com jeito:

— Mauro, o que está acontecendo? Por que está tremendo?

O menino levanta a cabeça, olha para Carlotinha e

triplicou o meu amor.

*Passarinhos passarão*

*Passarinho passará*

*Por um só coração*

*Passarão passarinhos*

*Passará passarinho*

*Pelo gorjeio da ambição,*

*Passarinho,*

*Por todos os ninhos, passarão*

Depois de escrever, sabiazinho voa para o ombro de Zé. Dona Carlota olha para os dois, tentando entender o que sabiazinho estava querendo dizer com a poesia. Naquele instante, ela reflete sobre tudo que viu e fica comovida com o que descobriu: uma parte de João ficou no irmão quando ele nasceu, e a outra virou sabiá para o ressuscitar. Por isso, tinham a mesma caligrafia e a mesma sintonia ao se expressarem.

Dona Carlota, ao desvendar o mistério, dá um belo sorriso, beija o bico do sabiá, depois a face do Zé; pega a foto do João, que já se encontrava em suas mãos, aperta em seu peito e diz com jeito: você não morreu, apenas

diz:

— Sinto-me envergonhado por ter traído vocês. Menti, quando acusei o Zé de ter quebrado a estátua de Tiradentes e não tive coragem de falar com o diretor quando ele chegou. Sou um caluniador e não mereço a amizade de vocês.

Zé e a irmã Carlotinha se olham com o maior dó de Mauro. Descobrem que ele não fez por mal e resolvem perdoá-lo por aquela tristeza fatal:

— Mauro, você sempre foi o meu melhor amigo. Então, não poderia ter feito isso comigo. Confesso que me decepcionei quando me acusou de ter quebrado o braço da estátua. Mas, não tem nada, porque o próprio Tiradentes também foi considerado pelos portugueses um traidor e para os brasileiros, um herói. Com o seu ato de arrependimento, você se torna um grande homem para mim, pois só os fortes fazem assim.

Mauro abraça o amigo em prantos e, depois, pergunta a Carlotinha:

— E você também me perdoa? Não quero perder a sua amizade.

— Claro que sim, Mauro! Nós sempre fomos amigos

e quero que continue indo a minha casa, para estudar comigo. E não esqueça de levar aquele botão de rosa, que você prometeu, mas nunca me deu.

Com as palavras de Carlotinha, Mauro não para de soluçar e abraça a menininha que quase lhe tira o ar. Depois do perdão, ela retira da pastinha um lenço de papel e lhe enxuga as lágrimas, como se fosse favo de mel e diz comovida:

— Mauro, guardarei esse lenço para o resto da minha vida.

Encantado com as palavras da menina, ele responde na mesma medida:

— Carlotinha, guardarei este momento para a eternidade.

Após ter sido desculpado, eles se despedem e vão para as suas casas. Chegando, Carlotinha pede a bênção a sua mãe e vai para o quarto trocar a roupa. Zé beija o rosto da sua progenitora, joga a pasta sobre a poltrona e corre para o quintal, onde acha duas mangas caídas por trás do tronco da mangueira. Dona Carlota vai atrás do filho e lhe dá uma bronca:

— Zé, primeiro tire o uniforme. Depois guarde essas

peninhas, fazendo cosquinhas. Em seguida, pousou em cima de uma pasta colegial que estava sobre a cadeira. Com o bico, pegou uma folha de caderno e um lápis colorido e os colocou na cama do Zé. De repente, o sabiazinho começou a escrever uma linda poesia com a mesma caligrafia dos irmãos:

*Hoje é dia de passarinho*

*Gorjeie, passarinho, gorjeie, passarinho*

*E cante na minha alma*

*No meu corpo invisível*

*No meu coração*

*Gorjeie, passarinho e fuja da minha mão*

*Hoje é o seu dia, passarinho,*

*Dia de comemorar*

*Não sei o quê, passarinho*

*Não sei o por quê, passarinho,*

*Querem-no calar*

*Hoje é dia de passarinho*

*Passa passarinho*

Depois de ler a segunda carta, Zé afirma para Dona Carlota que também não a escreveu e nem a remeteu. A mãe começa a chorar. Uma dúvida começa a pairar pelos seus pensamentos: “*Será que Zé estaria mentindo naquele momento?*”

O filho, curioso por desvendar o mistério, observa mais atentamente a carta em suas mãos e descobre um excremento de passarinho ao lado de um rabisquinho:

— Mãe, isso aqui é de passarinho. Será que foi do sabiazinho?

Dona Carlota, pensando que se tratava do conteúdo da carta e não do excremento do sabiá, se atrapalha na hora de indagar:

— Zé, você está ficando maluco. O pássaro nem sabe falar, quanto mais soletrar.

— Mas ele sabe gorjear. Espere um pouco. Vou chamá-lo:

— Sabiazinho! Sabiazinho!

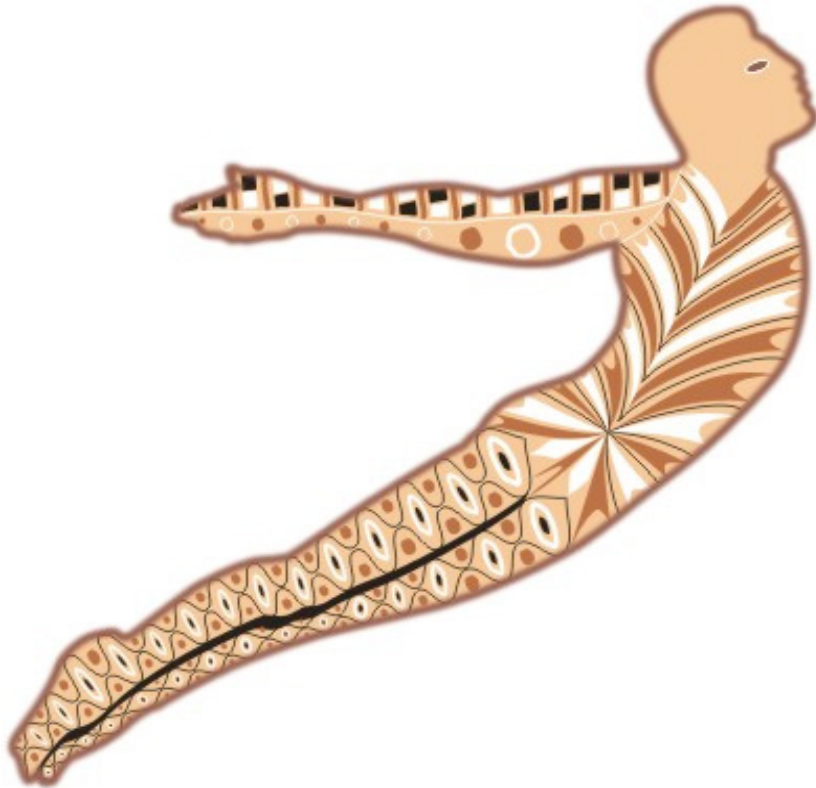
O sabiá respondeu com uma linda canção e voou até a sua mão. Ali, acariciou o seu dedo, bateu as asinhas na maior alegria. Depois, voou para o ombro de Dona Carlota, caminhou até o seu ouvido, balançou as

mangas, porque está quase na hora do almoço.

— Está bem, mãe! Pode ficar tranquila. Vou chupar estas duas mangas só para abrir o apetite.

Dona Carlota, impaciente, desiste de convencer Zé a não saborear as frutas antes da refeição, volta para a cozinha e continua os preparativos do almoço.

## Passarinho Passará



Depois de Dona Carlota esclarecer toda história, Zé abaixa a cabeça. Estava comovido com tudo que a mãe contou, e se assusta com outra carta caída no chão. Curioso, abre lentamente o envelope, se apavora com a mesma caligrafia e com a data do dia. Dona Carlota olha para o filho na maior apreensão, e Zé começa a ler na maior tensão:

*“Mãe! Voltei. Estou aqui. Visitei as estrelas como lhe prometi. O sol não é tão quente como falavam, e a lua não é tão encantada, como imaginava. Tudo é simples, que a senhora nem pode imaginar. Mas já estava na hora de voltar, porque você é a minha vida, o meu ponto de partida, o vento e o mar. Estava preocupado com a sua inquietação. Mas não tem nada, mãezinha, porque estou aqui e ficarei ao seu lado, até o fim”.*



de idade, e eu estava grávida do meu segundo filho que é você. Então, resolvi fazer um bolo para comemorar o aniversário do João. Quando estava na cozinha, envolvida com os preparativos da festa, um barulho tomou conta do quintal. Preocupada, corri para ver o que estava acontecendo e encontrei seu irmão caído dentro do poço com um galho no pescoço. Ao ver aquela forte cena, entrei em desespero, e uma ambulância me levou para o hospital. Naquele mesmo dia, você nasceu, e o seu irmão morreu.

De repente, Dona Carlota fica em silêncio, e lágrimas saem dos seus olhos. Zé, observando a tristeza da mãe, abraça-a com calor e lhe fala com todo amor:

— Mãe, não fique assim e olhe para mim. Já se passaram catorze anos, e eu nem sequer conheci o mano.

— Meu filho, não se preocupe, pois sei que a morte é natural, mas o difícil é aceitar o encontro final. O seu irmão foi enterrado entre a mangueira e o poço. Eu o sepultei ali, porque um dia ele me contou que adorava as mangas e o cheiro da flor.

# 4

## A queda

Sozinho no quintal, Zé olha para cima e observa as nuvens se alinharem em uma perfeita harmonia com o sol e várias gaivotas voando em direção ao mar. De repente, uma manga madura começa a brilhar na ponta de um fino galho, com o raio solar refletindo na sua bela casca rosada. Zé arregala o par de olhos castanhos, passa as mãos na boca e sobe rapidamente na mangueira para apanhar o desafiante fruto.

Ao aproximar-se da suculenta manga, seus braços não conseguem alcançá-la, mas esbarra em um ninho de sabiá preso em um dos galhos. Zé insiste e desliza sorrateiramente entre as folhas, quando um barulho estrondoso dispara em seus ouvidos. Naquele momento, o galho começa a se quebrar, Zé despenca com a manga e o ninho. Ao bater no chão, o terreno estremece, parecendo um trovão. Dona Carlota e a

filha dispararam na direção do quintal, encontrando Zé desmaiado. A mãe, apavorada com o acidente, socorre o filho imediatamente:

— Zé! Zé! Você está bem? O que foi que aconteceu? Acorda, acorda, pelo amor de Deus!

Carlotinha, vendo Zé desacordado, corre e pega um balde de água no poço:

— Mãe! Joga no Zé que ele acorda.

Dona Carlota, desesperada, pega o balde e joga no rosto do filho. Ele abre os olhos como se estivesse no céu, vendo milhares de estrelinhas a pairar sobre a sua cabeça e pergunta:

— Mãe, ainda estou vivo? Estou com uma tremenda dor no peito. A manga que consegui pegar, por favor, não coma. Ela é minha.

Zé desmaia pela segunda vez, mas não larga a fruta nem o filhote de sabiá que estão em suas mãos. Dona Carlota e a filha pegam o menino, o colocam na cama para descansar e chamam o pai de Mauro, Sr. Jorge, para o examinar. Ele, homem de meia-idade, olhos grandes, bonitão e muito senhor de si, por ser enfermeiro estava sempre pronto a ajudar.

Como pode ser assim?

Dona Carlota confere a data e lembra-se de quando o seu primeiro filho morreu. Revive a lembrança que havia enterrado e nunca mais comentado, como prometera. Quebra o silêncio e conta o que ocorreu:

— Zé, você é o meu segundo filho. Quando nasceu, o seu irmão mais velho morreu. Deve ter sido ele quem escreveu, antes da morte.

— Como assim, mãe? Eu tinha um irmão, e ele tinha a minha caligrafia?

— Quanto à mesma letra, eu não sei explicar. Isso é um mistério que temos que desvendar. Seu irmão se chamava João e morreu no dia do aniversário.

Zé, perplexo com a revelação, interrompe Dona Carlota durante a explicação:

— Mãe! Que triste casualidade!

— Não foi casualidade, Zé. Foi uma fatalidade.

— Então, conta, mãe! Essa história está complicada e não sei de mais nada.

Dona Carlota respira fundo e pede ao filho para não interrompê-la:

— Zé, o seu irmão estava completando treze anos

emocionados, despedem-se dos trigêmeos com uma grande ternura.

Zé e Jorge entram no Karmanguia, ajustam o cinto de segurança e vão para as suas casas na maior satisfação. Ao chegar, Zé dá um beijo na mãe e vai para o quintal se refrescar à sombra da mangueira e meditar sobre aquela tarde ligeira. Dona Carlota vai à cozinha tomar um copo d'água e lembra-se da curiosa carta que achou no quarto do filho. Então, o chama para uma conversa:

— Zé, por que escreveu para mim? Confesso que não entendi.

Surpreso, o filho responde:

— Mãe, do que a senhora está falando?

— Zé, não brinque comigo. Achei a sua carta dentro de um envelope.

— Não escrevi nenhuma carta, mãe. Eu juro.

Dona Carlota o pega pelo braço e leva-o até o quarto. Ali, abre a carta e a entrega ao garoto. Zé, ao lê-la em voz alta, fica boquiaberto com a sua própria letra. Repara a data no canto esquerdo da folha e se assusta:

— Mãe, essa carta não fui eu que escrevi. Ela tem catorze anos. Foi escrita no dia e no ano em que nasci.

Quando o prestativo homem chega, Dona Carlota, apreensiva, lhe pede:

— Seu Jorge, pelo amor de Deus, veja se meu filho está bem.

Depois de examiná-lo, o enfermeiro dá o parecer:

— Dona Carlota, eu não sou médico. Mas, pela minha experiência, seu filho está bem. Mesmo assim, aconselho a levá-lo ao hospital para fazer um diagnóstico mais preciso.

Naquele instante, Zé abre os olhos dizendo que não vai ao médico. Jorge o acalma e diz que vai falar com Mauro para lhe fazer companhia. Dona Carlota agradece ao gentil enfermeiro, mas não tem como levar o filho ao hospital. Jorge, gentilmente, responde:

— Não se preocupe, Dona Carlota, eu o levo no meu carro.

Zé, extremamente curioso, pergunta ao enfermeiro:

— Seu Jorge, qual é a marca do seu veículo?

— O meu veículo é um Karmanguia. Conhece?

— Claro, que conheço! É o carro dos meus sonhos.

Quando crescer, vou comprar um.

Dona Carlota e o enfermeiro se olham e dão um

pequeno sorriso. Carlotinha, mais calma, senta-se ao lado da cama e dá um beijo no irmão. Zé agradece e pede um favor:

— Carlotinha, pega um pouquinho de água e uma laranja para mim?

— Zé, por que você quer laranja? Você enjoou das mangas?

— Não é isso, Carlotinha. É que vou alimentar o filhote de sabiá-laranjeira que caiu comigo da mangueira. Fique sabendo que ele também gosta de mangas e insetos.

Zé alimenta o filhote, pede à irmã que arranje uma vasilha com água, uma caixinha de sapatos e um pedaço de pano, para forrar o lar do seu novo amigo. Carlotinha o atende e depois lhe pergunta:

— Você quer mais alguma coisa, Zé?

— Carlotinha, peço que cuide do sabiazinho para mim até eu voltar do hospital. Você faz isso?

— Fique tranquilo, Zé, que cuidado dele para você.

De repente, Mauro entra no quarto e esbarra na vasilha do sabiá. Carlotinha olha com cara de que não gostou e lhe diz:

sobrenome. Vim até aqui para confirmar ou desmentir.

Todos ficam paralisados com a nova surpresa, e Tommy fala na maior franqueza:

— Já que está tão curioso e veio até aqui, por que não fala o seu nome completo para mim? Só assim poderá confirmar o que veio procurar.

— Sr. Tommy, não tenho nada a esconder e o meu nome já vou lhe dizer. Eu me chamo Palmer Antônio Espada Ribeiro e tenho orgulho do meu nome inteiro.

Tommy olha para Sebastião, desconfiado, e pede a prova da identificação ao suposto irmão. Dr. Palmer retira do bolso uma folha amassada de papel de pão e lhes mostra na maior satisfação. Tommy e Sebastião ficam perplexos sem saber o que fazer e começam a chorar. Depois, pegam as suas relíquias e entregam ao médico. Dr. Palmer as lê, confirmando que o destino também tem seus planos e se convence, em pleno dia, que ganhou dois irmãos que não conhecia. Os três se abraçam na maior confraternização e se confortam, trocando informações de como foram encontrados nos portões da paróquia, da oficina mecânica e da casa de um cirurgião dentista. Zé e Jorge, extremamente

resistir:

— Será que houve alguma emergência?

— Calma, Jorge. Tudo tem uma explicação. Não seja precipitado em sua conclusão. Deixe-me falar com o doutor.

— Boa tarde, Dr. Palmer.

— Boa tarde, José. Gostaria de falar com o Sr. Tommy. A minha enfermeira disse que ele era o adestrador de cavalos deste sítio.

Naquele instante, Tommy dá um passo à frente e fala fortemente:

— O que o senhor quer comigo?

— Sr. Tommy, gostaria de falar-lhe em particular. É um assunto que devemos tratar.

— Aqui não temos segredos. Pode falar, que vamos escutá-lo.

— Já que é assim, Sr. Tommy, falarei aqui.

Todos ficam atentos, na maior apreensão, esperando a explicação:

— Sr. Tommy, eu estava no hospital quando a enfermeira Marília me telefonou avisando de uma entrevista na televisão, e que o senhor tinha o meu

— Agora, tenho a certeza de quem quebrou a estátua de Tiradentes no pátio da escola. Você é muito desastrado, Mauro.

— Desculpe, Carlotinha. Não fiz por mal. Mas temos que ir. Papai está com pressa para levar Zé até o hospital.

Carlotinha conduz o irmão até o carro. Mauro abre a porta do veículo e, quando a fecha, prende o dedo do Zé que grita com uma enorme dor:

— Carlotinha, cuide do meu sabiazinho e não deixe Mauro perto dele. Pelo amor de Deus!

Carlotinha faz o sinal da cruz e observa o carro desaparecer na primeira esquina. O enfermeiro Jorge guia o veículo com extremo cuidado, mas ao passar sobre a linha férrea, o Karmanguia começa a falhar. Zé, atento, observa o carro esquentar:

— Seu Jorge, é a mangueira de água que está estourada, e a falta de circulação do líquido não deixa refrigerar o motor.

— Como você sabe, menino?

— É fácil! Outro dia, assisti pela televisão um moço falar como funcionava a mangueira do carro. Eu prestei atenção e aprendi.

— Zé, já que você tem solução para tudo, como vamos sair daqui se não temos como consertar o veículo?

— O diretor da minha escola, o professor Mangabeira, tem um sítio aqui perto. Eu sei, porque sinto o perfume das mangas que me deu quando estava em seu gabinete. Ele me falou que, se precisasse, era só procurá-lo.

Jorge, um tanto descrente com a explicação do Zé, coça a cabeça, faz uma breve reflexão e descobre que não tem outra solução, a não ser confiar no olfato do garoto.

— Se é assim, Zé, vamos ao sítio do seu professor.

Zé da Manga e o enfermeiro Jorge descem do carro e seguem a pé por alguns minutos. O dia parecia longo, quando chegam a um imenso vale de grama rasteira e encontram uma pequena nascente com água cristalina. Eles bebem aquela água fresca, como se estivessem em um deserto africano. Depois de se fartarem, Zé levanta a cabeça, respira fundo e continua a caminhada. De súbito, avistam uma longa porteira que tem um grande letreiro: “Sítio Mangabeira, onde se encontram as melhores mangueiras”. Ao ler os dizeres, Jorge olha para Zé no maior espanto e rende-se ao instinto do esperto

cena e também se abraçam na maior felicidade.

Depois de ouvir a declaração, Sebastião retira do bolso o papel de pão que sua mãe deixou na porta da oficina, quando era bebê, e o entrega ao irmão. Tommy lê, suspira fundo, caminha vagarosamente até o armário, abre a gaveta e também retira o papel deixado por sua mãe na porta da paróquia. Zé, com olhar atento, observa as duas folhas e, surpreso, arregala os olhos, notando que elas se completavam, e que os seus rasgos se encaixavam, deduzindo que se tratava da mesma folha de papel, e que os pedaços foram separados no mesmo dia em que eles nasceram. Então, conclui que Sebastião e Tommy são irmãos gêmeos.

Naquele momento, a comemoração duplicou, os seus sorrisos aumentaram e eles novamente se abraçaram com todo amor. Logo após, se despediram e foram para o quintal, quando um veículo se aproxima em velocidade anormal. Eles ficam atentos, observando a aproximação, quando o carro estaciona próximo ao portão. Zé fica surpreso quando reconhece o Dr. Palmer saindo do carro com a enfermeira Marília. Jorge, perplexo, sem entender o porquê do médico estar ali, indaga a Zé, sem

de vê-los outra vez. Agora, diga-me quem é esse novo amigo.

Zé e Jorge se olham mutuamente. Sebastião fica sem reação, abaixa a cabeça, e os seus olhos começam a se encharcar de lágrimas. Tommy observa a mudança de comportamento do homem e fala aos visitantes:

— Ele está passando mal. Vamos sair do quintal, pois está muito quente.

Os quatro entram na humilde casa, Tommy prepara um café de caldo de cana e começa a conversa:

— Estou vendo que vocês não vieram aqui só para me parabenizar pela a entrevista. Então, me digam os seus pontos de vista.

Zé fica em silêncio, retira da carteira o cartão do mecânico e entrega-o a Tommy. O caseiro, ao lê-lo, silenciosamente, fica momentaneamente paralisado. Depois, pergunta para o angustiado homem:

— Você é meu irmão?

Sebastião balança a cabeça, confirmando o fato. Os dois ficam em pé, olhando-se como se fossem um autorretrato. Depois, quebram o gelo e se abraçam em prantos. Zé e Jorge se emocionam com a comvente

menino.

Zé, com ar de desbravador, estufa o peito e entra no sítio. O lugar é lindo, imensas matas verdes, cheias de flores e frutos, inclusive várias mangabeiras que dava nome à chácara. Suas cachoeiras de águas límpidas e seus rios guardam uma peixaria imensa. No céu azul, a passarada coloria todo ambiente. De repente, surge o caseiro que era o braço direito do proprietário. Quando criança, foi marcado por uma terrível paralisia infantil que deixou sequelas em sua perna esquerda. A sua grande ocupação era adestrar os cavalos que ficavam no pasto e se sentia feliz por superar a deficiência. Zé olha para o caseiro e se identifica:

— Boa tarde! Meu nome é José. Sou aluno do professor Mangabeira e desejo falar com ele.

O caseiro, um tanto desconfiado, também se identifica:

— Boa tarde! Meu nome é Tommy. O que vocês querem com o patrão?

— Há uma emergência. O nosso carro escangalhou próximo da linha férrea, e viemos pedir socorro ao meu amigo Mangabeira.

— O professor não se encontra, mas se você quiser posso telefonar para ele.

— Claro que quero! Eu só tenho a agradecer.

Tommy telefona para o professor Mangabeira e explica toda a situação. O professor lhe pede desculpas e diz que não poderá buscá-lo, pois está em reunião, mas o autoriza a pegar qualquer cavalo da sua propriedade para terminar a jornada. O caseiro desliga o telefone e transmite o recado:

— José, temos bons cavalos de várias raças. Mas, o disponível é o mangalarga marchador.

Zé e Jorge agradecem ao caseiro pelo empréstimo do corcel e vão ao hospital no maior trote. Chegando, Zé faz todos os exames necessários, não sendo constatada nenhuma anomalia. Depois, vão ao mecânico que conserta o carro, e pedem ao dono da oficina que guarde o cavalo para mais tarde alguém vir buscá-lo. O mecânico prende o equino no quintal dos fundos. Zé telefona para o professor Mangabeira que providencia o regaste do animal. Jorge paga ao mecânico, que lhes passa um cartão de visitas. Zé, curioso, sorri e lê em voz alta:

irmão? Isso é uma alucinação.

— Seu Sebastião, não estamos mentindo e nem brincando com assunto tão sério.

O homem reflete por um instante e abaixa a cabeça por alguns segundos. Depois, retira da gaveta um pedaço de papel de pão com algo escrito e pergunta para Zé:

— Se você tem tanta certeza do que está falando, então diga o nome completo do meu suposto irmão e do meu desconhecido pai?

Zé olha nos olhos de Sebastião e percebe as mãos trêmulas daquele angustiado homem, mas mesmo assim respira fundo e responde:

— O nome do seu irmão é Tommy Antônio Espada Ribeiro, e do seu pai é Manoel Antônio Espada Ribeiro.

Com o susto, Sebastião deixa cair no chão o papel que estava em suas mãos. Zé se abaixa, pega a folha amarrotada e confirma a paternidade. Após esclarecer o ocorrido, os três seguem para o sítio Mangabeira. Chegando, Zé vai logo falando:

— Boa tarde, Tommy! Vimos lhe dar os parabéns pela a entrevista e transmitir uma bela notícia.

— Fico contente com a presença de vocês e gostei



empoeiradas e senta-se. Jorge continua em silêncio e deixa Zé tomar as rédeas da conversa:

— Seu Sebastião, o que vou contar é algo que vai lhe agradar.

— Então, conte-me logo, por favor, pois a demora está me provocando calor.

— Seu Sebastião, eu estava assistindo à televisão, quando uma notícia me chamou a atenção. Era uma entrevista com um adestrador de cavalos que conhecemos, e o senhor nem imagina o que agora sabemos.

— Garoto, deixe de enrolação. Essa conversa está uma confusão. Seja objetivo, porque tenho muito a fazer e não estou aqui para o lazer.

— Seu Sebastião, descobrimos que o homem que lhe falei é o seu irmão. Estamos aqui para levá-lo e apresentá-lo a ele.

Sebastião levanta-se da cadeira, olha desconfiado para os visitantes e dá uma bela gargalhada.

— Vocês estão loucos. Não me conhecem direito e nem sabem do meu passado. Não conheci o meu pai e nem a minha mãe. Agora, vocês aparecem com um

— Oficina Sebastião Antônio Espada Ribeiro, o seu mecânico o ano inteiro.

Depois da leitura, Zé guarda o cartão na carteira, despede-se de Sebastião e vai com Jorge para casa. Próximo ao portão da sua residência, Zé depara-se com uma pequena multidão que o aguarda. Ao descer do veículo, Rosa pula em seu pescoço, chorando e murmurando:

— Zé, o que houve? Você está bem? Quebrou alguma coisa? A sua irmã me contou tudo. Você nasceu de novo ao sobreviver da queda da mangueira.

Zé não responde as indagações de Rosa e tenta abrir o portão para entrar em casa, quando Dona Carlota também o aborda:

— Meu filho, mamãe está muito preocupada com a sua saúde. Eu o amo muito. Prometa que nunca mais subirá naquela mangueira, pelo amor de Deus!

Zé continua a caminhar com uma certa dificuldade, pois a vizinhança não o deixa chegar até a porta da sala. Naquele momento, o desastrado Mauro corre para abraçar o amigo, quando pisa no cadarço do tênis. Ele cai, quebrando o braço e a perna. O enfermeiro Jorge

mais uma vez vai ao hospital e retorna a casa com o filho.

Passado o tumulto, Zé consegue chegar à sala e joga-se na poltrona com a respiração ofegante. Rosa, ao vê-lo suando, vai à geladeira e pega um copo d'água. Ele olha para o recipiente e exclama:

— Rosa, prefiro um suco de manga!

A apaixonada pega o suco e lhe dá com todo o carinho, depois faz uma observação:

— Zé, pensei que tivesse morrido. Quando Carlotinha me contou que o encontrou desmaiado no quintal, segurando em uma das mãos uma manga e na outra um filhote de sabiá. Quero aproveitar a oportunidade para lhe contar um segredo:

o cartão e confirma o nome do mecânico: Sebastião Antônio Espada Ribeiro. Jorge, surpreso, retorna ao telefone:

— Zé, você está certo. Temos que avisá-los imediatamente.

— Jorge, se puder, me pegue para irmos à oficina e darmos a bela notícia ao mecânico.

Jorge entra no Karmanguia e pega Zé da Manga no portão de sua residência. Juntos, se dirigem à oficina. Chegando, Zé vai logo falando:

— Boa tarde, Seu Sebastião.

O homem olha para o carro e responde para os dois:

— Boa tarde. O veículo deu mais algum problema?

— Não é isso, Seu Sebastião. O motivo de nossa visita é muito mais importante do que uma mangueira furada.

— Como assim? O que vocês querem de mim?

— O senhor não precisa se preocupar. Vimos trazer uma boa notícia.

— Se é assim, vamos ao meu escritório para conversarmos melhor.

Sebastião, na maior curiosidade, limpa as cadeiras

o Karmanguia com Jorge. Confirma e se assusta com a coincidência dos sobrenomes. Mesmo assim, aguarda a conclusão da entrevista. Tommy, com ar de nostalgia, continua a responder à entrevistadora:

— O meu pai chama-se Manoel Antônio Espada Ribeiro. Se por acaso alguém souber o paradeiro da minha família, por favor se dirija ao sítio Mangabeira, onde trabalho e resido.

Naquele mesmo segundo, Zé corre para o telefone e fala com o amigo:

— Alô, Jorge! Você assistiu ao programa?

— Sim! Por que todo esse nervosismo?

— Jorge, você não ouviu nada de surpreendente na entrevista?

— Confesso que não. Zé, deixe de conversa e diga logo o que está acontecendo.

— Jorge, o sobrenome de Tommy é o mesmo do mecânico que consertou o seu carro, quando viemos do hospital. Eu ainda tenho o cartão de visita que ele nos deu. Certamente, Sebastião e Tommy são irmãos e não sabem.

Jorge fica boquiaberto com a descoberta do Zé, pega

## 5

### O sabiazinho

Rosa o segura pelas mãos e, quando começa a declarar o seu amor, um grito estridente no quarto ecoa pela sala. Carlotinha, nervosa, chama pelo irmão:

— Zé, corra aqui! O seu sabiazinho sumiu da caixinha de sapatos:

Zé dispara como um louco, deixando Rosa solitária na sala. Dona Carlota, ouvindo aquele clamor, também corre para ver o que está acontecendo. Naquele momento, a menina sente-se rejeitada por ser trocada por um sabiá e, uma lágrima embebe o seu olhar. Ela tinha escolhido as palavras certas para dizer ao seu amado o quanto o amava. Sentou-se na poltrona e chorou como uma madona.

No quarto, Zé fica alucinado a procura do sabiazinho. Olha em baixo da cama, afasta o armário, retira algumas camisas que estão em cima da tábua de passar, mas nada

de achar o pequeno pássaro. Dona Carlota e a filha vão à cozinha, procuram em baixo da pia e do fogão, não encontrando nenhum vestígio do fujão.

Amargurado por não achar o sabiá, Zé vai para o quintal e senta-se solitário na raiz da mangueira. Rosa, ao avistá-lo sozinho, vê mais uma nova oportunidade de declarar o seu amor. Ela dirige-se vagarosamente em sua direção e senta-se ao seu lado com a maior paixão, bota a cabeça em seu ombro, alisa seus cabelos alongados e começa a declarar:

— Zé, não fique triste. O sabiazinho vai aparecer, pode crer. Tenha fé, pois a incerteza que invade o seu peito é a mesma que corta o meu coração. O sol que esquentava o seu corpo aquece o meu sangue e as minhas mãos.

Naquele mesmo instante, antes que outras palavras saíssem dos lábios de Rosa, o sabiazinho pula no ombro de Zé. Ele se assusta e levanta-se rapidamente, avistando o pássaro ao seu lado, com o biquinho molhado. Zé dá um belo sorriso e descobre que o seu amigo estava escondido na beira do poço, bebendo água na nascente. Ele pega o sabiá com as mãos e grita com uma grande

nos carneiros e nos cabritos. Depois de alguns anos, apareceu um novo proprietário que me contratou para cuidar dos cavalos.

— Sr. Tommy, esse dom é hereditário? O seu pai tinha o mesmo talento?

— Infelizmente, não conheci o meu pai e nenhum familiar. A minha mãe me abandonou em uma paróquia quando nasci. O único documento que tenho é o nome dele e o meu escritos em um papel de pão que a minha mãe deixou na porta da igreja.

— Sr. Tommy, já que estamos em rede nacional, vamos aproveitar a oportunidade para procurar a sua família. Quem sabe algum parente pode estar nos assistindo? Sr. Tommy, qual o nome completo do seu pai?

— Primeiro gostaria de falar o meu nome por inteiro, pode?

— Claro que pode. O microfone é todo seu.

— Eu me chamo Tommy Antônio Espada Ribeiro.

Naquele instante, Zé da manga arregala os olhos para a televisão, corre até a gaveta, pega a carteira e retira o cartão que recebera do mecânico quando foi consertar

ao finalzinho de um filme. Logo após o intervalo comercial, a jornalista anuncia uma entrevista com o melhor adestrador de cavalos da região e mostra a sua foto. Zé da Manga arregala os olhos e reconhece o caseiro Tommy. Naquele instante, telefona para Jorge avisando da reportagem. O enfermeiro lembra-se, imediatamente, do simpático homem que os recebeu com todo carinho no sítio Mangabeira.

Após avisar ao enfermeiro Jorge, Zé ajeita-se na cama com um copo de suco de manga e biscoitos. A repórter começa a entrevista:

— Sr. Tommy, como o senhor se tornou adestrador de cavalos?

— Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a oportunidade de divulgar o meu trabalho e ao mesmo tempo, frisar que, com fé e perseverança, ultrapassamos qualquer obstáculo.

— Mas o senhor não tem nenhuma dificuldade em cavalgar? A sua deficiência física não o atrapalha?

— Desde garoto, me acostumei com os animais porque os respeito como irmãos. Por sorte, fui criado em uma paróquia próxima de um sítio e andava

emoção:

— Carlotinha! Carlotinha! O sabiazinho não sumiu. Ele está aqui, pertinho de mim!

Com aquela empolgação, Zé deixa Rosa mais uma vez sozinha e vai para a cozinha. A menina, sentindo-se rejeitada, chora por não conseguir declarar o seu amor a quem novamente a abandonou. Irada, vai para casa, achando-se incapaz de ser amada.

Zé, entretido com o sabiazinho, coloca-o na caixa de sapato com água fresca. A ave, sentindo a ternura, mergulha na vasilha como se estivesse em uma linda aventura. Depois, abre as asas, balança as penugens, sobe na cabeça de Zé e, mais uma vez, mergulha até a ponta do pé. A partir daquele dia, uma amizade foi selada, e os dois não se largaram nem de madrugada.

O tempo foi passando, o sabiazinho foi crescendo e voando. Em todas as manhãs, quando Zé colhia mangas no chão, o pássaro pousava em sua mão. Zé assobiava, e a ave dava um voo rasante. Zé levantava o braço, e o sabiazinho aterrizava em seu dedo. Assim, viviam o dia inteiro.

No aniversário do sabiá, Dona Carlota apronta uma

surpresa para Zé. Ela compra bolas coloridas e, apitos que imitam o gorjeio dos pássaros. Desenha um painel com o contorno da mata atlântica e o prende na parede do quarto. O bolo de manga é preparado, secretamente, por Carlotinha:

*Ela pega na geladeira uma grande manga, descasca e corta em pedaços; coloca a fruta em uma vasilha com meia xícara de leite, duas colheres de óleo e cinco ovos; bate no liquidificador todos os ingredientes; transfere para um recipiente, acrescenta o açúcar, a farinha, o fermento em pó e mistura bem. Despeja a massa em uma forma untada e assa em forno médio durante quinze minutos. Espera esfriar e enfeita o bolo com algumas frutas cristalizadas. Depois, arruma em cima de uma improvisada mesinha, no quarto do Zé, e fecha a porta.*

Quando o menino chega da escola, coloca a pasta em cima da poltrona e corre para o quintal. Ali, olha para o alto da mangueira e não avista o sabiá-laranjeira. Desconfiado, chama-o três vezes pelo telhado, e nada de a ave aparecer. Preocupado, Zé dispara para o quarto para ver se o encontra. E o encontrou em cima do bolo.

estes dias, não faz?

— O aniversário da minha filha é na sexta-feira, Jorge.

— Então vou comprar um lindo presente para ela e farei uma surpresa para você.

— Que surpresa é essa, Jorge?

— Se eu falar, não será mais surpresa, certo?

— Tudo bem! Esperarei até sexta-feira, como lhe convém.

Jorge paga o sorvete do Zé e sai com Carlota, segurando em sua mão. Ela fica em silêncio, tentando descobrir o porquê de tanta curiosidade sobre adoção da menina. De repente, Zé termina o sorvete:

— Mãe, vamos tomar outro, vamos?

Dona Carlota dá um sorriso e responde:

— Deixa de ser guloso, menino! Depois, faço um sacolé de manga para você.

Zé gosta da resposta e fica pensando nisso até o término do passeio. Chegando a casa, Jorge se despede da amada com um longo beijo e abraça Zé. O garoto agradece o sorvete e entra com a mãe.

Chegando ao quarto, Zé liga a televisão e assiste

para mim, um homem especial, um amigo sem igual.

Por obra do destino, dois anos após o seu desaparecimento, surgiu a minha porta uma cesta de pão com uma menina dentro, sem nenhum documento. A única identificação era uma nascença no peito do pé. Agora, você sabe que o meu companheiro perdeu parte da memória e foi em busca de um filho que já morreu e que tenho uma filha de criação que não sabe a história da cesta de pão.

Jorge fica perplexo com o relato da amada, coça a cabeça, fica um tempo em silêncio, e uma lágrima rola dos seus olhos. Mesmo assim, pergunta:

— Carlota, quer dizer que Carlotinha não sabe que é filha adotiva?

— A menina não sabe, Jorge. Ela foi achada no portão. Ela é minha filha do coração.

— Quanto tempo faz que abandonaram Carlotinha naquela cestinha?

— Faz doze anos. Por que tantas perguntas? Você sabe de alguma coisa?

— Não é nada, não. Estou perguntando por simples curiosidade. Falando nisso, Carlotinha faz anos por

Naquele mesmo instante, Rosa, Carlotinha e a mãe entram no quarto em uma grande euforia, encontrando o sabiazinho na maior alegria. O pássaro belisca alguns pedaços de manga cristalizada, voa para o ombro do Zé e coloca com o bico um pedacinho em sua boca. O menino come com grande satisfação e limpa os lábios na toalha de mão. O pássaro, percebendo a alegria, começa a gorjear uma linda melodia. Todos se olham emocionados e se confraternizam ao seu lado.

Quando a tarde chega, Dona Carlota dorme um sono profundo e o seu ronco agita todo mundo. Com o barulho, Zé vai para o quintal, como é natural. Lá, ele levanta a mão e o pássaro não voa em sua direção. Ele assobia e o pássaro não decola. Zé fica preocupado e chama o amigo com um longo grito:

— Sabiazinho! Sabiazinho! Vem aqui com o irmãozinho! Vem aqui com o irmãozinho!

A ave não corresponde e a voz de Zé emudece. Carlotinha, vendo o desespero do irmão, abraça-o e o leva pela mão. Na varanda, o consola:

— Zé, fique calmo! Sabiazinho vai voltar, você pode esperar.

— Carlotinha, sinto que algo aconteceu e não sei o que fazer se o sabiazinho morrer.

— Vamos procurar, Zé. Avisaremos a todos os conhecidos. Eles vão nos ajudar a encontrar o seu amigo.

— Carlotinha, então fale com Mauro, seu Jorge e Rosa. Eu avisarei ao Cabeção e ao professor Mangabeira.

Zé vai ao telefone e faz o alarde:

— Alô, Cabeção!

— Sim, aqui sou eu! Quem quer falar comigo?

— Aqui, é o Zé! Estou telefonando para lhe pedir um favor. O meu sabiazinho sumiu e ninguém mais o viu. Se o encontrar, por favor, venha me entregar.

— Zé, fique despreocupado. Se eu o achar, aviso para você vir buscar.

— Obrigado, Cabeção! Agradeço-lhe pela compreensão.

Zé se despede do amigo e depois telefona para o professor Mangabeira:

— Alô, professor!

— Quem deseja falar?

— Aqui, é o Zé! Seu aluno de fé.

— José, que satisfação em falar com você. O que

filhos. Lembro-me que, no meu aniversário de quinze anos, ele me fez uma surpresa: comprou um par de alianças e pediu a minha mão em casamento na hora de partir o bolo. A minha mãe sorriu e disse para ele se formar para, então se casar. Ele prometeu que estudaria e depois se casaria comigo. Mas isso nunca aconteceu.

Quando nos juntamos, ele se tornou um excelente companheiro. Todos os finais de semana, me levava para jantar nos melhores restaurantes, íamos ao cinema e à praia. Em um desses passeios, alugamos um pedalinho e deslizamos suavemente sobre as águas de um lindo lago em Poços de Caldas. De repente, um vento traiçoeiro bateu na proa do pequeno barco e o virou. Naquele momento, fiquei desesperada, pois não sabia nadar. Em um ato de coragem, o meu querido companheiro me pegou pelo braço e me levou a terra firme. Depois, ele dormiu por tanto esforço. Chorei como uma criança, tentando despertá-lo. Momentos depois, ele acordou e me consolou, enxugando minhas lágrimas com um lençinho que estava na mochila. Até hoje guardo o lenço como uma jóia de pano. Um tesouro que levarei comigo até o fim dos meus dias. O meu companheiro era tudo



na lua. Depois, põe a cabeça em seu ombro e começa a contar o passado que transformou a sua vida em momentos de partidas.

— O que vou te dizer, Jorge, é uma coisa que o fará estremecer. Só te contarei, porque você provou ser meu amigo na hora em que eu estava em perigo.

Curioso por descobrir o que Dona Carlota tinha a contar, Jorge acelera o seu falar:

— Carlota, fique à vontade e confie em mim. Conte-me tudo até o fim.

— Jorge, antes de ser mãe, sempre tive vontade de ter uma filha, mas Deus me deu dois lindos meninos. Quando Zé nasceu, o mais velho morreu. Com a morte do João, meu companheiro ficou louco de paixão e começou a beber para esquecer. Com isso, perdeu parte da memória e ficou demente. Certo dia, escutou um falatório de criança na calçada e foi ao portão para ver se era o João e sumiu. Ninguém mais o viu.

Confesso que o amei desde os doze anos. Morávamos na mesma rua e estudávamos na mesma escola. Todo o dia, ele me pegava no portão com uma rosa na mão. Dizia para os amigos que se casaria comigo e teria cinco

quer de mim ao telefonar assim?

— Professor, é um pedido pessoal, perdi o meu pássaro no quintal. Se o achar em seu sítio, em cima da mangueira, me avise, por favor, a sua falta está me dando uma grande dor.

— Meu querido aluno, você sabe o quanto o admiro. Se encontrá-lo, eu o guardarei junto a mim. Fique calmo, porque tudo se resolverá, não perca a fé e a vontade de achar.

— Obrigado, professor! Suas palavras me consolam. Eu não desistirei e vou continuar a procurar.

Depois de avisar aos amigos, Zé vai para a rua e caminha pelo quarteirão, olhando em toda direção. Quando avista uma ave de rapina, pousada em uma árvore na esquina com algumas penas no bico. Zé desconfia que o sabiazinho serviu de alimentação para aquele traiçoeiro gavião. Cabisbaixo, ele volta para casa desconsolado, quando, de repente, Rosa está a sua frente. Ela, observando a tristeza de Zé, o abraça e senta na poltrona da sala. Minutos depois, aparece Carlotinha em uma grande melancolia, dizendo que já havia avisado toda periferia. Zé, com voz entristecida,

fala com uma enorme ferida:

— Carlotinha, não adianta procurar, porque avistei o gavião que o transformou em refeição.

Carlotinha estremece e, mesmo assim, responde:

— Mas, Zé! Como pode saber? Você viu o fato acontecer?

Ele não contesta e fica paralisado. Carlotinha sai de perto do irmão, para não presenciar a triste emoção e vai para o quintal meditar. Rosa pega um lençinho que tinha um desenho de passarinho e enxuga as lágrimas de Zé, que já está sem fé. Depois, alisa os seus cabelos e fala por inteiro:

— Zé, não fique assim e olhe para mim. Sei que você adorava o sabiazinho e nunca o deixava sozinho. Deus sabe o que faz com a nossa vida, às vezes tão sofrida. Tenho certeza, que Ele reserva algo muito bom para você, pode crer. Fique certo que não está sozinho, pois estarei ao seu lado, acalentando o seu caminho.

Naquele instante, uma voz vem do quintal, era Carlotinha num berreiro total. Ela dizia naquela gritaria:

— Zé! Zé! Corra aqui. Sabiazinho está morto no chão, não posso ouvir o seu coração.

qualquer reação, beija-a na maior paixão. Dona Carlota se assusta com a atitude do amigo e tenta empurrá-lo. Mas, depois, começa a abraçá-lo. Zé nem liga para os dois e continua a saborear o sorvete como se fosse um banquete. Depois do carinho, Dona Carlota fala baixinho:

— Jorge, desde que o meu companheiro sumiu, ninguém mais sorriu para mim.

— Estou surpreso, Carlota, porque pensei que fosse viúva. Não sabia que o seu companheiro tinha desaparecido na imensidão do mundo e te deixado na solidão.

— É uma história triste, Jorge. Acho melhor você não saber, para também não sofrer.

— Carlota, desde o dia em que a conheci, não consegui mais dormir. Agora, que estou com você, gostaria de saber dos seus conflitos e medos, e compartilhar dos seus segredos.

— Se é assim, Jorge, vou lhe contar algo que nem os meus filhos podem imaginar.

Os dois sentam no banquinho da sorveteria, Dona Carlota alisa o rosto de Jorge com ternura e se sente

as palavras do amigo e pergunta:

— Jorge, confesso que não entendi o que ouvi. Pode explicar o que você quer insinuar?

— Claro que sim! É simples para mim! O seu filho sarou do coração, e você arranhou uma paixão. Por isso, o dia é tão especial para a sua vida.

— Jorge, do que está falando? Que paixão é esta que arranhou para mim?

— Estou me referindo ao Dr. Palmer.

— Você está louco! Como pode me falar uma coisa dessa? Eu nunca te falei assim.

— Carlota, eu a vi abraçada com o doutor no consultório. Você estava com a cabeça em seu ombro, e ele alisava os seus cabelos. Não tenho nada com isso, só faço uma observação que doeu o meu coração.

— Jorge, você está com ciúmes do médico do meu filho. Sinto-me lisonjeada por despertar esse sentimento.

— Carlota, você não sente nada por Dr. Palmer?

— Claro que não! Ele não tem nada a ver comigo. Eu o admiro como médico. O tipo que eu gosto é magro, olhos castanhos, lindo e gentil como você.

Jorge sorri e, antes que Dona Carlota esboçasse

Zé e Rosa levantam da poltrona e disparam para o quintal, encontrando o pássaro caído com o peito partido. Zé olha para o amigo com uma grande dor. Depois, chora comovido por ter perdido o seu amor. As suas lágrimas vão surgindo como chuva de verão e caem no peito do sabiá que, de repente, abre o bico e volta a respirar.

Rosa e Carlotinha, presenciando aquela magia, se emocionam quando o pássaro olha para Zé, com muita fé. Elas se ajoelham com uma grande compaixão e pegam o pássaro pelas mãos. Depois, levantam o ressuscitado e o deixam voar pela correnteza do vento que acalenta o seu sofrimento. Após aquele dia, as suas vidas se transformariam em um elo de união, observando a natureza, admirando a beleza em qualquer situação.

## A revelação



A mãe sai do consultório na maior alegria e comenta com Jorge que o filho está inteiramente curado. Jorge sorri e exclama com satisfação:

— Carlota, que bela notícia! Para comemorarmos com alegria, vamos todos à sorveteria.

Chegando, Zé vai logo perguntando ao balconista:

— O senhor tem sorvete de manga?

— Claro que sim! Essa fruta é a especialidade da casa: Temos sorvete de manga espada, carlota, rosa, tommy, palmer e coração de boi. Qual você prefere?

Zé enche o pote até a boca de sorvete de manga rosa. A mãe reprime o filho pelo exagero, e Jorge defende o garoto:

— Carlota, não brigue com Zé. Hoje é um dia muito especial para ele e, principalmente, para você.

Dona Carlota para por alguns segundos, reflete sobre

# 6

## A notícia



Logo após o milagre ocorrido, Dona Carlota acorda com um som estremeado. Vai ao telefone e atende àquele barulho estridente:

- Alô! Quem fala, por favor?
- Dona Carlota! Aqui é o enfermeiro Jorge. Aquele que levou o seu menino ao hospital, naquela manhã trágica e quase fatal.
- Jorge, é um prazer ouvi-lo. O que posso fazer por você?
- Dona Carlota, preciso urgentemente falar com a senhora. O hospital me telefonou, querendo que nós falássemos com o doutor que cuidou do Zé.
- O que houve de tão urgente para o hospital telefonar para a gente?
- Não sei dizer! Eu só sei que querem falar comigo e você. Por favor, venha logo!

Dona Carlota arruma-se apressadamente, beija os filhos, bate o portão e caminha desnorteada pelo calçadão. Chegando à casa do enfermeiro, vai logo entrando e falando:

— Seu Jorge, obrigada por me avisar. Estou com uma angústia no peito que o senhor nem pode imaginar.

— Fique calma, Dona Carlota, e vamos para o hospital. Lá, vamos saber o que aconteceu de real.

Dona Carlota e Jorge entram no carro e ficam num profundo silêncio. Quando se aproximam do hospital, seus corações aceleram, imaginando o que de fato os estava aguardando. Afoitos, descem do Karmanguia e caminham até a sala do Doutor Palmer, uma figura simpática e de conversa mansa, que lhes pede para sentar, antes de falar:

— Bom dia! Sou médico deste hospital e quero lhes pedir desculpas por um engano fatal. Telefonei para o senhor Jorge porque ele trouxe o José ao meu consultório, e mandei chamar a senhora, por ser a mãe do rapazinho, que nós tratamos com muito carinho.

No meio da conversa, Dona Carlota não se contém e abre a boca como convém:

— Obrigada, Doutor! Mas o senhor vai descobrir que estou certa na minha declaração.

Dr. Palmer não responde e levanta-se apressadamente. Dona Carlota leva o filho até a enfermeira Marília e aguarda no corredor. Momentos depois, o médico a chama para lhe dar o diagnóstico:

— Minha senhora, tenho mais de vinte anos na área médica e nunca registrei um caso como este. A medicina não tem como explicar, mas o seu filho está curado.

Dona Carlota, ouvindo as palavras do doutor, chora de alegria, como nunca chorou. Dr. Palmer a abraça e a beija na face. Ela, sentindo a grande ternura, põe a cabeça no ombro do médico e relaxa como se estivesse na lua. De repente, Jorge abre a porta do consultório para avisar que o veículo já estava regulado e encontra os dois abraçados. Ele fica enciumado e fecha a porta magoado. Minutos depois, Dona Carlota despede-se do médico:

— Dr. Palmer, obrigada por me atender. Nunca mais vou me esquecer do que fez por mim.

— Não precisa argumentar, Dona Carlota. A senhora faria a mesma coisa se estivesse em meu lugar.

— Doutor Palmer, se retornei ao seu consultório foi porque confio plenamente na sua competência como profissional da área de saúde. Por isso, exijo do senhor o mesmo respeito e compreensão. Se não confia em minhas palavras, é um direito que lhe assiste. Mas, como médico, o senhor tem a obrigação de confiar em seus exames. Sendo assim, peço-lhe que repita os mesmos procedimentos da primeira consulta. Espero que a sua enfermeira Marília não troque as planilhas dessa vez. Estamos entendidos?

Doutor Palmer olha para Dona Carlota com grande espanto, pois não esperava daquela educada senhora uma reação tão intimidadora. No entanto, reconhece que uma verdadeira mãe supera qualquer obstáculo para socorrer um filho em perigo. Então, resolve fazer uma segunda tomografia em Zé:

— Mesmo sabendo que o seu filho tem uma anomalia no coração, farei um segundo exame para confirmar o diagnóstico. Leve o rapazinho até a enfermeira de plantão e espere, no corredor, o resultado.

Dona Carlota respira fundo e fala ao médico no mesmo segundo:

— Doutor Palmer, seja franco comigo. O senhor não nos telefonou à toa. Deve ter uma boa razão para nos receber no seu plantão. Diga-me logo, pois quero saber, por que estou aqui para o senhor me receber?

— Dona Carlota, vou esclarecer, porque esse é o meu dever, e tenho que ser transparente com você.

— Doutor, então diga logo a razão e deixe de embromação.

O médico respira fundo, como se estivesse no fim do mundo e começa a relatar:

— Dona Carlota, quando o José foi atendido por mim, fiz vários exames de rotina e mandei tirar uma tomografia do seu tórax. A enfermeira Marília em vez de pôr o resultado na planilha do leito número vinte, onde estava o seu filho, colocou o resultado no leito número dois, onde estava um menino chamado Bilé, que torceu o pé. Isso resultou na troca dos exames dos pacientes.

— E daí, doutor. O que isso significa?

— Significa que o diagnóstico do seu filho está errado.

— Doutor Palmer, o que Zé tem de verdade?



— Dona Carlota, na parte óssea, o José está ótimo. Mas, constatamos que o seu filho tem uma grave doença no coração, popularmente chamada de “Coração de Boi”.

Durante um momento houve, entre aqueles dois seres, uma profunda tristeza e um breve silêncio.

— Doutor, o que é isso? Nunca ouvi falar nessa doença.

— Eu explico, Dona Carlota: “Coração de Boi” é uma anomalia. O coração cresce mais rápido que os outros órgãos do corpo. Ele fica tão grande que pode estourar dentro do peito.

— Doutor Palmer, isso tem cura?

— Infelizmente a medicina ainda não desvendou esse mistério.

— Então, o senhor está dizendo que o meu filho pode morrer?

— Tenho que ser sincero com a senhora. Em uma escala de zero a cinco, ele é quatro. Lamento, mas o seu filho não tem dois meses de vida.

Dona Carlota fica pálida com a triste notícia. Dr. Palmer mede a sua pressão e lhe aplica uma injeção.

— Carlota, pode entrar e esclarecer com o doutor. Daqui a pouco, eu vou.

Dona Carlota entra, na maior expectativa, e pede a Zé para esperar no corredor. Ele senta-se no banco e aguarda. Ela vai até a recepcionista e pede para anunciá-la. O médico autoriza a sua entrada:

— Dona Carlota, o que a traz ao meu consultório?

— Doutor Palmer, algo inexplicável ocorreu com o meu filho e o senhor tem que me ajudar.

— Calma, Dona Carlota. Estou aqui para cooperar. Conte-me tudo, sem hesitação, para entender com exatidão.

Dona Carlota relata com detalhes o renascimento de Zé, e frisa que o sabiá gorjeou quando o menino levantou. Doutor Palmer olha para Dona Carlota como se não estivesse acreditando e responde, hesitando:

— Dona Carlota, a senhora é mãe. Compreendo o desejo de ver a recuperação do seu filho. Passarei alguns tranquilizantes para a senhora e algumas vitaminas. Daqui a trinta dias, a senhora me procure, por favor.

Dona Carlota, percebendo a descrença do médico, olha o com firmeza e responde com dureza:



chame mais de Dona, pois você se tornou um grande amigo, e com amigos não se tem formalidades.

— Carlota, obrigado por suas palavras. E não precisa agradecer, porque ser solidário é investir em si mesmo.

Minutos depois, Jorge estaciona em frente ao portão e leva mãe e filho ao hospital. No meio do caminho, Zé resmunga, dizendo que não há necessidade de fazer mais exames, pois não sentia nada de anormal. Dona Carlota finge que não ouve o filho e estrategicamente fala ao amigo:

— Jorge, depois de estarmos com o Doutor, vamos passar em uma sorveteria para tomarmos um sorvete de manga, ok?

— Claro que sim! Vai ser um prazer para mim.

O garoto, ao ouvir a recomendação, passa a mão na boca e fica aguado por tanta tentação. Depois, fala ao motorista o seu ponto de vista:

— Seu Jorge, não dá para ir mais rápido? Esse Karmanguia não anda!

Jorge acelera mais um pouco e ao chegar ao hospital verifica o motor do veículo, que está quente, e fala à mãe do Zé:

Recuperada, ela fica perplexa sem saber o que fazer, então chora de soluçar, e as suas lágrimas molham o seu olhar. Jorge, por sua vez, também se comove e pensa em Deus como única solução. Dona Carlota enxuga os olhos com as mãos, levanta-se e fala ao médico:

— Doutor Palmer, te agradeço pela sinceridade em me contar a verdade sobre a doença do meu filho. Sou mãe e o senhor nem imagina o que está se passando dentro do meu coração. No passado, já fui tão triste como nessa ocasião.

— Dona Carlota, lamento pelo diagnóstico, mas esta é a minha missão. Sou médico e também tenho coração. Se quiser procure outro especialista, mas, infelizmente, a senhora terá a mesma notícia.

Depois das duras palavras, o Dr. Palmer fica em silêncio, sentindo-se impotente quanto à cura do menino. Dona Carlota e Jorge se retiram da sala, atravessam os corredores do hospital e entram no carro em um baixo astral. Jorge, ao volante, começa a se emocionar, a mãe, ao seu lado, começa a gritar:

— Deus! Ó, meu Deus! Onde estás que não me respondes? Não conseguirei ficar sem o meu Zé. Ele é

tudo para mim e ficarei ao seu lado até o fim.

Jorge treme ao guiar. Por segurança, estaciona o veículo em frente a uma igreja para se acalmar. Ali, desliga o carro e os dois começam a rezar. Depois, respiram fundo por alguns segundos e retornam ao lar.

Chegando ao portão, Jorge despede-se com grande emoção:

— Dona Carlota, se precisar é só telefonar. Sei o que se passa no seu coração, e temos que dar as mãos.

— Seu Jorge, não sei como agradecer o que fez por mim. Sendo assim, lhe peço mais um favor, não conte nada a ninguém.

— Fique despreocupada, Dona Carlota. Esse vai ser o nosso segredo.

— Tudo bem. Eu lhe sou muito grata por me acompanhar.

O enfermeiro liga o carro para dar a partida, quando Dona Carlota faz a última observação antes da despedida:

— Seu Jorge, não sei qual vai ser a minha reação. Acho que vou chorar ao ver o meu Zé brincando com o sabiá.

# 8

## Dr. Palmer

Horas depois, Dona Carlota telefona para Jorge, pedindo-lhe mais um favor:

— Alô, Jorge!

— Sim, quem quer falar comigo?

— Sou eu, Carlota!

— Dona Carlota, foi bom telefonar. Até agora, estou a meditar no que de real aconteceu com o seu filho. Nunca vi na minha vida uma cena tão comovente, que mexeu com a gente.

— Jorge, também estou perplexa. Gostaria de levar o Zé novamente ao Dr. Palmer para verificar o seu coração.

— Vamos levá-lo imediatamente ao hospital, Dona Carlota. Uma nova checagem não vai lhe fazer mal.

— Jorge, não tenho como agradecer o que está fazendo por mim. Por isso, peço-lhe um favor, não me

Jorge reflete por alguns segundos antes de responder:

— Dona Carlota, tente demonstrar alegria, fingindo que nada aconteceu, até que se ache uma solução para essa triste situação.

Ao ouvir o enfermeiro, a mãe fica pensativa por um bom tempo. Desconsolada, entra em casa, atravessa o pequeno jardim e avista Zé brincando no quintal dos fundos com o sabiá. Corre para abraçá-lo e algumas lágrimas molham o seu rosto. Zé, observando a tristeza da mãe, pergunta:

— O que está acontecendo? A senhora está chorando?

— Não é nada, Zé, foi um cisco que caiu nos meus olhos. Continue brincando com o sabiazinho. Vou preparar um suco de manga. Você quer?

— Claro que quero, mãe! A senhora sabe que adoro.

Dona Carlota afasta-se com o coração apertado, caminha até a cozinha e chora sobre a pia. Zé não aguarda a mãe servi-lo, corre para o armário, pega um copo de vidro, que enche até a boca de suco. Então, retorna para o quintal.



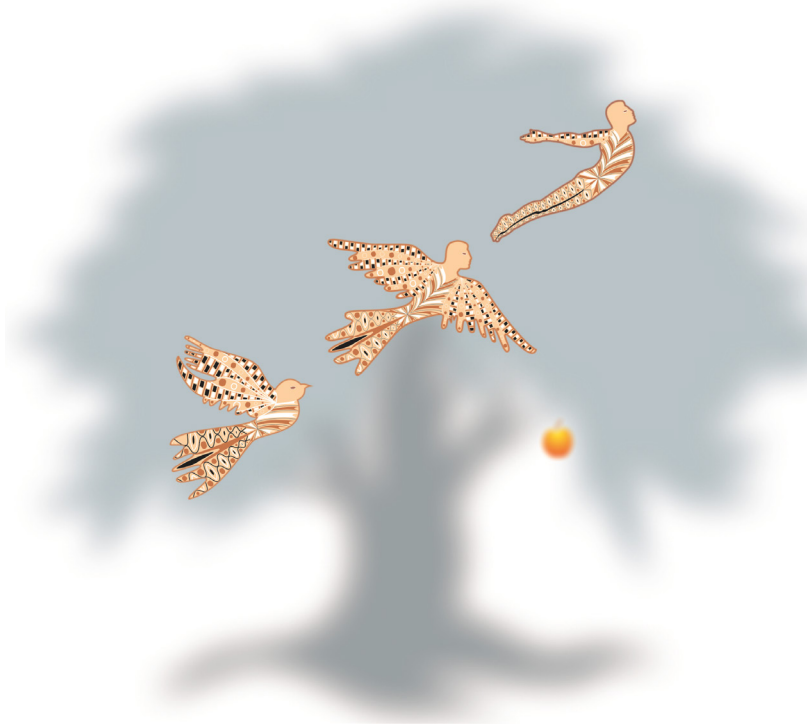
— Deixe de prosa, Carlotinha. Simplesmente dormi debaixo da mangueira, sob a sombra da fruteira. Você devia experimentar.

Perplexa com a resposta do irmão, Carlotinha fica paralisada e não emite reação. O enfermeiro Jorge, que estava a seu lado, fala desnortado para a mãe:

— Dona Carlota, vou para casa. Se a senhora precisar é só me chamar.

Ela não responde ao amigo, pois ainda está anestesiada, recuperando os sentidos por ver o seu filho renascer. Jorge entende o silêncio da mãe e vai embora rua a fora. Mauro, que está atrás de Carlotinha, fica feliz com a ressurreição do companheiro e caminha para abraçá-lo, quando tropeça no cadarço do tênis e se desequilibra, caindo ao lado do poço e se sujando até o pescoço. O sabiazinho, que está observando a reação de cada pessoa, levanta voo e repousa no ombro do Zé, que vai para o quarto como se nada tivesse acontecido, como se a morte não houvesse ocorrido.

Rosa fica olhando e não acreditando no que acabara de presenciar. Vai embora comovida e meio perdida com os olhos para o ar.



velocidade que não dá para acreditar e fica do tamanho do Zé. Uma flor de mangueira começa a surgir e um fruto rosado, em formato de coração, nasce de supetão e palpita como se quisesse saltar. O pássaro colhe o fruto e coloca-o sobre o peito do Zé. No mesmo instante, o coraçãozinho irradia uma luz amarelada por todo o quintal, tão brilhante como o sol.

Quando o brilho cessa, o corpo do Zé esquenta, os seus braços balançam, seus pés tripudiam, e ele volta a respirar. Naquele momento, o sabiazinho volta a gorjear, e o menino começa a levantar. Erguido, logo despreguiça e abre os olhos, deparando com os amigos no quintal. Assustado com a pequena multidão, ele pergunta com certa irritação:

— O que está acontecendo? Nunca viram alguém acordar?

Dona Carlota, ao ouvir a voz do Zé, arrepiava-se até a ponta do pé, arregala os olhos e corre para abraçar o filho na maior contemplação, acariciando seus cabelos e segurando as suas mãos. Carlotinha, ao ver a atitude amorosa da mãe, fica toda dengosa e começa a indagar:

— Zé, está tudo bem? O que houve com você?

## A carta

Dona Carlota escuta pela janela as brincadeiras de Zé com o pássaro e fica apreensiva por um bom tempo. Depois, caminha lentamente até o quarto do filho, olha as suas roupas, seu tênis e seus brinquedos. De repente, repara uma cartinha empoeirada, guardada em uma antiga gaveta, com um grande coração desenhado. Curiosa, abre vagarosamente o envelope e lê os rabiscos:

*“Mãe, quando a noite chegar, não fique zangada com a lua e nem com as estrelas, porque são como a fruta e a flor, que estão sempre renascendo e sempre vivendo por causa do amor. Por isso, mãezinha, vou embora e voar até o infinito, enganar o tempo e a razão, violar o conceito e viver do meu jeito nessa constelação. Darei um beijo no criador, contarei os meus segredos e pedirei para perdoar aqueles que quebraram os seus brinquedos.*”

***Quando for atendido e tiver aprendido a lição, voltarei para a senhora com o meu novo coração para compartilhar a sabedoria e trilhar com alegria a minha peregrinação.***

***Mãe, não precisa chorar, pois não demorarei, e tenha certeza que voltarei.”***

Após a leitura da carta, Dona Carlota desconfia que Zé sabe da sua anomalia e pressente uma grande amargura no peito. Ela corre para o quintal para ver se Zé não estava passando mal. Chegando, encontra o filho caído embaixo da mangueira, com os olhos fechados e os cabelos largados. A mãe, em prantos, tenta escutar o coração do pequeno, verifica a sua respiração e grita por ter perdido o seu menininho que adorava as mangas e amava o passarinho. Foi uma imensa tortura para Dona Carlota ver o filho estendido no quintal. A filha Carlotinha se assusta com o choro da mãe, corre para ver o que aconteceu e encontra o irmão que morreu. Desesperada, vai à casa do enfermeiro Jorge, que veio em disparada com o medidor de pressão. Ao vê-lo, Jorge mede a sua pulsação, que já não existia, e chora de melancolia.

Minutos depois, chega Rosa e vê Zé estirado entre a mangueira e o poço. Ela olha para os seus lábios, como se não pudesse acreditar e vai para o seu lado, por ele também chorar. Mauro, ao ver o corpo gelado, não entende porque Zé morreu e fica paralisado pelo amigo que perdeu.

Todos se dão as mãos e rezam em volta do Zé, que permanece sob a sombra da mangueira, sobre as folhas rasteiras daquele triste chão. De repente, o sabiá pousa no peito frio do menino. Depois, caminha sobre o seu rosto, belisca sua testa e gorjeia uma comovente canção que acalma os sentimentos, acalenta os tormentos e dá luz à escuridão.

Enquanto gorjeia, o pássaro levita entre as folhas e os galhos. Quando se aproxima do topo da mangueira, pousa e se esconde por trás da fruteira. Momentos depois, o sabiá reaparece com uma pequena semente vermelha no bico e voa em direção ao infinito. Depois, retorna e pousa no chão. Ali, encontra um pequeno buraco vazio e planta a semente, logo vai ao poço, pega uma gotinha de água e irriga o grão.

De repente, uma árvore começa a germinar em uma